

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIAS
E CONTABILIDADE

Coordenação do Curso de Ciências Econômicas

OS CONDICIONANTES SÓCIO-ECONÔMICOS PARA A
HABILITAÇÃO NO VESTIBULAR DA UFC.

Monografia apresentada por Helder
Pita Rocha no curso de Ciências
Econômicas da UFC para obtenção
do Grau de Bacharel em Economia.

FORTALEZA/CE
JULHO DE 1997 - 1

Esta monografia foi submetida a exame como parte dos requisitos necessários à obtenção do Grau de Bacharel em Ciências Econômicas, outorgado pela Universidade Federal do Ceará - UFC, e encontra-se a disposição dos interessados na Biblioteca da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade - FEAAC, da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitido, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

HÉLDER PITA ROCHA

Monografia aprovada em 16 de julho de 1997.

Banca Examinadora

Prof. Francisco de Assis Soares (orientador)

Prof. Luiz Ivan de Melo Castelar

Prof. Fábio Maia Sobral

A Deus, sempre presente em minha vida.

Aos meus queridos pais.

A todos que me ajudaram.

Dedico este trabalho acadêmico.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e irmãs, pela ajuda e estímulo na minha caminhada estudantil e profissional, bem como, pela colaboração na revisão ortográfica deste trabalho e orientações, meu apreço e carinho especial.

Ao meu professor orientador, Francisco de Assis Soares, pela paciência, dedicação, orientação e estímulo na elaboração desta Monografia, meus sinceros agradecimentos.

Aos docentes participantes da banca examinadora, Ivan Castelar e Fábio Sobral, pelas sugestões e críticas dadas a este trabalho científico.

Aos meus colegas e amigos de trabalho que colaboraram com suas opiniões e sugestões e fornecimento dos dados, nas pessoas do Ilmo. Sr. Ricardo Lima Caratti(NPD/UFC), do Ilmo. Sr. Marcus Vínicus Feijão de Menezes(CCV/UFC), do Ilmo Sr. Francisco Álcimo de Andrade(PR/PL/UFC) meus votos de estima.

As bibliotecárias das Biblioteca das Universidade de Fortaleza, da Faculdade de Economia, Administração, Aturárias e Contabilidade (FEAAC), do Centro de Humanidades da UFC, da CAEN, pela disponibilidade no atendimento e na ajuda na identificação das referências bibliográficas, meus sinceros votos de apreço.

Aos demais amigos, colegas e outras pessoas que contribuíram direta ou indiretamente na elaboração e finalização desta Monografia meus cordiais agradecimentos, em especial a Ilma. Stra. Lesley Barbosa Lopes e ao Ilmo. Sr. Luis Antonio de Oliveira.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	vi
RESUMO.....	viii
INTRODUÇÃO.....	01
Capítulo 1 - O PERFIL DO VESTIBULANDO	06
1.1 - ANÁLISE DOS INDICADORES DEMOGRÁFICOS.....	06
1.2 - ANÁLISE DOS INDICADORES EDUCACIONAIS.....	10
1.3 - ANÁLISE DOS INDICADORES SÓCIO-CULTURAIS.....	15
1.4 - ANÁLISE DOS INDICADORES ECONÔMICOS.....	17
Capítulo 2 - DETERMINANTES DO SUCESSO NO VESTIBULAR: UMA REVISÃO DA LITERATURA.....	26
Capítulo 3 – EM BUSCA DE UM MODELO EXPLICATIVO: MODELOS COM VARIÁVEIS QUALITATIVAS DEPENDENTES	36
3.1 - MODELOS DE ESCOLHA BINOMIAL.....	37
3.2 - CONSTRUINDO O MODELO.....	39
3.3 - ESTIMANDO O MODELO PROBIT	44
3.4 - TESTANDO QUATRO HIPÓTESES.....	46
CONCLUSÃO	54
APÊNDICES.....	57
ANEXOS.....	80
BIBLIOGRAFIA.....	94

LISTAS DE TABELAS

TABELA Nº	DESCRIÇÃO	PAG
I	Indicadores demográficos mais frequentes dos vestibulandos da UFC - 96.1	7
II	Origem do vestibulando habilitado.	9
III	Unidade da Federação onde o vestibulando concluiu o 2º grau.	9
IV	Indicadores Educacionais mais frequentes dos vestibulandos da UFC - 96.1.	12
V	Turno em que o vestibulando fez o curso de 2º grau.	13
VI	Ano de conclusão do 2º grau dos vestibulandos.	13
VII	Desempenho dos inscritos por ano de término do 2º grau.	14
VIII	Indicadores Sócio-Culturais mais frequentes dos vestibulandos da UFC – 96.1	16
IX	Escolaridade da mãe versus desempenho dos vestibulandos inscritos.	17
X	Indicadores Econômicos mais frequentes dos vestibulandos da UFC - 96.1	17
XI	Renda Familiar (somatório dos salários do candidato, do seu pai e de sua mãe).	21
XII	Desempenho dos inscritos conforme a faixa de renda familiar.	23
XIII	Variáveis escolhidas para a construção do modelo econométrico, classificadas por indicadores.	40
XIV	Variáveis que se mostraram significativas por grupo de indicadores em cada curso.	42
XV	Matriz de coeficientes das variáveis da equação de cada curso.	45

LISTAS DE TABELAS

TABELA Nº	DESCRIÇÃO	PAG
XVI	Teste Qui-quadrado. Margem de segurança do modelo por curso.	46
XVII	Influência do tipo de escola do 1º e 2º graus.	48
XVIII	Influência do cursinho.	49
XIX	Influência da escolaridade dos pais.	49
XX	Influência da renda familiar.	51
XXI	O efeito cascata de 3 condicionantes.	53

RESUMO

A presente monografia, trata-se de uma pesquisa sócio-econômica realizada junto aos vestibulandos inscritos no primeiro vestibular de 1996 da Universidade Federal do Ceará, acompanhada de um estudo estatístico qualitativo que pretende encontrar respostas para a dicotomia (habilitados/não habilitados) que surge após a aplicação das provas do concurso.

A pesquisa sócio-econômica traça o perfil mais frequente dos vestibulandos inscritos, habilitados e não habilitados, dispondo-os em quatro indicadores a saber: demográficos; educacionais; sócio-culturais; e econômicos.

O estudo estatístico prende-se em determinar qual ou quais dos quatro indicadores contribui(em) decisivamente para proporcionar maiores chances de sucesso no certame.

Ao final, conclui-se que as variáveis que compõem os indicadores sócio-culturais, educacionais e econômicos são relevantes para proporcionar ao vestibulando boas chances de habilitação no vestibular. Em especial as que fazem parte dos indicadores sócio-culturais.

INTRODUÇÃO

“Vestibular é hoje o que o casamento era antigamente para a mulher. Uma coisa fatal, que tinha que acontecer. Então, era preciso se preparar a vida inteira para isso. Acontece a mesma coisa hoje em dia. Você, estudante, prepare-se, porque um dia você vai ter que enfrentar o vestibular.” (vestibulanda)

Desde 1964 que as universidades do Brasil vêem sua demanda pública aumentar significativamente. Sônia Guimarães(9:1984) cita que “o número de inscritos nos exames vestibulares para o ano de 1964, cresceu 120% quando comparado ao ano de 1963”¹. Esta corrida é explicada pelos economistas devido à correlação positiva existente entre o grau de instrução e o nível de renda e, pelos historiadores, devido às transformações que estavam sendo verificadas no País naqueles anos: desenvolvimento industrial e de serviços, com reflexos no êxodo do homem do campo para os centros urbanos em expansão.

Então, a cada ano mais e mais jovens buscavam - e mais ainda hoje - dar continuidade aos seus estudos, lutando por uma vaga em uma Instituição de Ensino Superior. Mas esta busca não é paixão pelas “letras”. É sim, uma questão pragmática de competição por um bom emprego, por melhores salários e pela preservação do *status quo*.

Na realidade o vestibular pode ser comparado a um depósito de esperança, que dará ao candidato, em um futuro próximo, tudo aquilo que ele almeja no campo profissional. O vestibular é encarado pelo secundarista como sendo algo decisivo na sua vida e o primeiro grande desafio para aqueles que pretendem um lugar mais seguro e rentável no mercado de trabalho. E podemos perceber o peso da cruz sobre os ombros do candidato nestas palavras de Sônia Guimarães: “Em meio a um grande clima emocional, estimulado pelos meios de comunicação de massas, os candidatos se sentem desafiados em sua capacidade de corresponder às expectativas de seu grupo social” (9:1984).

No entanto, apesar de muitos tentarem entrar no ensino do 3º grau - principalmente o público e gratuito - poucos são os que conquistam uma vaga nos bancos universitários. Os motivos desse afunilamento estão além dos limites das vagas estipuladas por cada curso.

As possíveis variáveis que influenciam o resultado do concurso vestibular, vão desde a disposição de saúde do candidato (dor de cabeça; febre; distúrbios gastrointestinais) até o seu estado de espírito (ansioso; tranqüilo; com problemas psicológicos). Mas para não nos determos em áreas que não a econômica, não nos preocuparemos em aprofundar essas influências, embora tenhamos a plena consciência de que elas possuem um peso durante o certame. Ainda mais, elas não são explicativas universais no sucesso ou insucesso do candidato. Essas variáveis serão consideradas exógenas e estarão representadas por uma constante, no modelo econométrico que desenvolveremos no capítulo 3.

Necessário se faz salientar que o vestibular não é só uma disputa intelectual e nem uma corrida de quem sabe mais contra quem sabe menos. O vestibular envolve muito mais do que esta simples fachada, é algo mais complexo. Sua seleção inicia-se antes mesmo da entrada do aluno no 2º grau. Começa nos primeiros anos da escola, recebe contribuições do grau de instrução dos pais, da renda familiar, do ambiente sócio-cultural onde vive o vestibulando, bem como de uma boa alimentação durante a infância e adolescência. Mas de todos esses condicionantes, a literatura especializada destaca o fator renda perante os demais. Diríamos que este fator é a raiz de onde parte todos os outros.

Várias são as opiniões que comungam com esta posição. A da Coordenação do Vestibular da Universidade de Fortaleza - UNIFOR, observa que:

“A análise dos relatórios sócio-econômicos dos candidatos na totalidade das Universidades brasileiras mostra, quando comparada com o perfil dos aprovados nessas instituições, que existe uma indiscutível influência das condições de renda das famílias nesta seleção.

¹ Na Universidade Federal do Ceará, de 1990 a 1996, o número de inscritos vêm evoluindo em média 15,8% ao ano. Fonte: Dados Básicos - 1982 a 1996 da Pró-Reitoria de Planejamento da UFC.

Após a aplicação das provas do exame vestibular, que deve selecionar os que apresentam melhor desempenho, verifica-se que o que houve na verdade foi a exclusão dos mais pobres, uma vez que nesta faixa de renda concentram-se os candidatos menos preparados”(10:1993).

Da mesma forma nos ratifica Sônia Guimarães(9:1984):

”As estatísticas são frias e inexoráveis. Os que passam no vestibular frequentaram, em sua maioria, escolas particulares, moram em bairros residenciais de classe alta, têm pelo menos um carro na família e uma renda familiar elevada.” E em outra parte do seu trabalho ela continua:”... avaliar o vestibular apenas do ponto de vista do indivíduo é cometer a injustiça maior de atribuir a ele toda a ‘responsabilidade’ pelo desempenho na prova. Na verdade, embora todos os candidatos sejam ‘formalmente’ iguais perante o vestibular e tenham, aparentemente, as mesmas chances de sucesso ou de fracasso, teremos ocasião de verificar, com o auxílio dos números, que, muito pelo contrário, as oportunidades de êxito não são distribuídas igualmente para todos e que o exame não faz outra coisa senão premiar os já vencedores na escala dos privilégios econômicos e sociais”.

Mas por que os mais pobres são excluídos? De início há a problemática de se manter uma frequência regular na escola durante os primeiros anos de estudo. Alves(1:1991) explica que são poucas as chances que possui um jovem da classe pobre de concluir seus estudos primário e ginasial. Porque o jovem de família pobre é como que impelido a trabalhar, a fim de colaborar na composição da renda familiar. Se ele não trabalha a família terá um custo, o qual Alves chama de custo de oportunidade de trabalho do jovem. Conclui ele: ”Então, apesar de no Brasil existir educação primária gratuita, e de ser obrigatória por lei, as crianças dos pobres e, em especial, das zonas rurais muito dificilmente conseguem ir além da educação primária”.

Na verdade, a grande seletividade social e econômica ocorrida nos concursos vestibulares do País reflete de maneira clara as amplas desigualdades existentes na sociedade brasileira.

A seleção dos que terão ingresso na Universidade, afirma Castro, começa muito longe dela e tem início na escola primária, onde, “de cada 100 alunos matriculados apenas 15 concluem o primeiro grau e recebe a influência constante de uma série de condicionan-

tes”(10:1993) que atuam ao longo da formação básica e secundária do pretendente e que têm uma estreita relação com suas origens sócio-econômicas.

Nesta monografia pretendemos fotografar todos aqueles que se inscrevem para a batalha do vestibular, todos os vitoriosos do certame e também todos os não vitoriosos. E destas fotos buscaremos fazer uma análise dos motivos, das causas e dos fatores que deram a esses poucos o sabor do sucesso.

Claro que não analisaremos todos os concursos vestibulares do Brasil. Analisaremos os candidatos ao Vestibular 96.1 da Universidade Federal do Ceará - UFC.

A escolha da UFC se deve ao fato de ser a instituição local mais cobiçada dentre todas. Seja pela sua tradição de possuir cursos de elevado *status*, bem como, da riqueza cultural de sua vida universitária, seja pela sua opulência de universidade federal e gratuita.

Sabemos que estamos lidando com um campo novo, ainda pouco e mal documentado empiricamente na UFC. Mas contamos com a colaboração de autores² que se aventuraram brilhantemente em analisar os vestibulandos de outras instituições, utilizando-se para isto da estatística descritiva. Nós não somente utilizaremos essa ferramenta como também faremos uso da econometria para aprimorar nossas conclusões.

Por tanto, o trabalho consistirá em traçarmos o perfil dos candidatos inscritos, dos candidatos habilitados e dos não habilitados³ no concurso vestibular da UFC. De posse de cada um desses perfis, poderemos comparar as suas diferenças e detectar as variáveis que foram determinantes no êxito de alguns poucos, para este concurso em estudo (capítulo 1).

No segundo capítulo fazemos uma revisão de alguns estudos sobre o acesso ao ensino superior. Ela servirá de parâmetro para a escolha de algumas variáveis que irão com-

² A antropóloga Sônia Guimarães que estudou os vestibulares da região de São Paulo e Rio de Janeiro; a socióloga Dulce Whittaker que desenvolveu trabalho semelhante na Universidade de Estadual de São Paulo; a pedagoga Teresa Guimarães que analisou o papel social da UFC enquanto promotora de distribuição de renda.

³ Sobre habilitados e não habilitados ver apêndice I.

por o modelo econométrico que será desenvolvido e aplicado em alguns cursos⁴ oferecidos no certame em estudo.

No terceiro capítulo fundamentamos teoricamente a escolha do modelo que iremos trabalhar - o **PROBIT** - para estimarmos uma equação econométrica, em seguida realizaremos a estimação por meio do programa computacional **TSP** e testaremos as principais hipóteses consagradas pela literatura como decisórias para o sucesso no vestibular. Por fim, apresentamos as nossas conclusões para este estudo.

⁴ Sobre a escolha dos cursos ver apêndice II.

Capítulo 1 - O PERFIL DO VESTIBULANDO

Neste primeiro capítulo, faremos uma exposição de tabelas contendo os dados do perfil sócio-econômico mais frequente do candidato inscrito, habilitado e não habilitado. A intenção será a de detectar as principais variáveis que determinaram estas duas últimas categorias, para posteriormente testá-las em um modelo econométrico. As tabelas estão assim classificadas em indicadores: demográficos; educacionais; sócio-culturais; e econômicos.

Após cada tabela, faremos uma análise, acompanhada de comentários de alguns dos dados apresentados, que são na realidade derivados das respostas dos candidatos às perguntas do questionário sócio-econômico aplicado pela Comissão Coordenadora do Vestibular da UFC (vide apêndice III e nexos II, respectivamente).

1.1 - ANÁLISE DOS INDICADORES DEMOGRÁFICOS

Os dados para o primeiro item da tabela I mostram a predominância do sexo feminino entre os inscritos (55,0%) e entre os não habilitados no vestibular (57,3%). Os homens apresentaram um desempenho melhor do que as mulheres, pois, 59,6% dos inscritos e habilitados são do sexo masculino.

Autores que analisaram o comportamento da variável sexo no vestibular - Whittaker, por exemplo - concluíram que esta só tem influência na inscrição, ou seja, na procura dos cursos pelo candidato, pois, culturalmente nossa sociedade construiu cursos femininos e masculinos. Dado isso, somos levados a deduzir que no vestibular ora analisado foram ofertadas um número maior de vagas em cursos ditos masculinos⁵.

⁵ A título de verificação de tal hipótese, vejamos o que se apresentou em nossa amostra de 9 cursos: cinco são masculinos (Engenharia Civil; Computação; Física; Licenciatura em Física Noturno; e Ciências Econômicas Noturno); um feminino (Odontologia); e três são mistos (Medicina; Licenciatura em Química; e Direito Noturno). Os cinco cursos masculinos ofertaram juntos 245 vagas contra 40 vagas do único curso feminino.

TABELA I: Indicadores demográficos mais frequentes dos vestibulandos da UFC - 96.1.

INDICADOR	INSCRITOS	HABILITADOS	Ñ HABILITADOS
Sexo	55,0 (F)	59,6 (M)	57,3 (F)
Idade até 20 anos	70,0	76,5	69,1
Solteiro	91,4	93,5	91,1
Residência no Ceará	92,3	94,2	92,0
Conclusão do 2º grau no Ceará	89,5	92,1	89,1

Fonte: Dados básicos do questionário sócio-econômico da CCV/UFC. Cálculos do autor.

(F): sexo feminino (M): sexo masculino

A Segunda linha da Tabela I revela que a maioria dos vestibulandos é predominantemente de jovens. De fato ela mostra que até 20 anos temos 70 % de vestibulandos inscritos, subindo para 76,5% entre os habilitados e caindo para 69,1% entre os não habilitados. Essa diferenciação entre os inscritos e não habilitados leva a deduzir que bom número de candidatos se habilitam até essa idade. Para melhor observarmos esse comportamento vejamos então as faixas que estão incluídas até 20 anos na tabela A-II do apêndice III.

Vestibulandos com idade de 16 anos são 2,5% dos habilitados contra 1,4% dos não habilitados. Na faixa etária de 17 anos eles são 24,1% dos habilitados contra 17,9% dos que não obtiveram êxito. E na faixa dos 18 anos temos uma participação ainda maior com 25,8% dos habilitados e 23% de candidatos não habilitados.

Com certeza esse melhor êxito nessas três faixas de idade está relacionado ao término do 2º grau no semestre anterior ao do vestibular, pois, é nessa faixa etária que os jovens estão concluindo o ciclo secundário. Nas faixas etárias mais altas, predominam candidatos que já terminaram os seus estudos há algum tempo, somando-se ainda a esse fator, as experiências frustrantes de vestibulares passados, fatos que não deixam de contribuir negativamente para o sucesso no concurso.

De fato, a partir dos 19 anos as percentagens dos habilitados começam a cair e a dos não habilitados tendem ao crescimento. De modo que os candidatos com 19 anos são 14,4% dos habilitados e os não habilitados já são maiores, com 15,9%. Subindo para os 20 anos temos 9,7% dos primeiros e 10,9% dos últimos. As faixas etárias seguintes apresentarão

comportamento semelhante, ou seja, percentual de não habilitados maior do que o dos habilitados com uma única exceção aparecendo nos candidatos com idade de 24 anos (2,8% dos habilitados e 2,4% dos não habilitados).

Quanto ao estado civil, observa-se a esmagadora predominância de solteiros tanto no bloco dos habilitados (93,5%) como também no dos não habilitados (91,1%) (Tabela I). No entanto, os habilitados estão em vantagem de 2,4 pontos percentuais, o que não deixa de ser um alerta para com o estado de vida do candidato e seu provável sucesso. Quando comparamos os outros dois itens da tabela A-V do apêndice III - casado ou unido consensualmente; e viúvo/separado/divorciado - vemos que os não habilitados tomam a frente em 1,3 pontos percentuais.

Os números levam a concluir que as preocupações e responsabilidades de uma condição de vida diferente do estado civil de solteiro, têm suas implicações não favoráveis ao sucesso do candidato, assim como contribui decisivamente no momento da inscrição do vestibular, dada a baixa participação destes no certame (6,7% do total do inscritos somando-se os itens 02 e 03). (vide apêndice III, tabela A-V)

Os altos percentuais de vestibulandos residentes no Ceará nas três categorias da Tabela I estão assim distribuídos: entre os habilitados no vestibular 96.1, 87,0% são da capital do Estado do Ceará e apenas 4,7% são do interior; 5,9% são de capitais de outros Estados e 0,6% são dos interiores dos mesmos.(ver Tabela II, abaixo)

Voltando para o apêndice III, agora na tabela A-IV, os dados mostram a melhor performance dos candidatos residentes nas capitais: 93,3% dos habilitados são das capitais, contra 89,4% dos não habilitados; 5,3% dos habilitados são do interior, contra 8,1% dos não habilitados. E mais, dos 14.579 inscritos que afirmaram morar nas capitais 13,8% foram habilitados, enquanto dos 1.251 inscritos, oriundos do interior do Estado do Ceará e dos outros

estados, apenas 9,11% obtiveram sucesso. Percentual inferior que pode significar uma formação menos qualificada do ensino secundário desses candidatos interioranos.

TABELA II: Origem do vestibulando habilitado.

	Ceará	Outros Estados	Percentual	
Capital	1.875	127	87,0	5,9
Interior	101	13	4,7	0,6

Fonte: Dados básicos do questionário sócio-econômico da CCV/UFC. Cálculos do autor.

Ainda analisando Tabela I, vemos que a maioria dos inscritos concluiu o 2º grau no Estado do Ceará (89,5%), percentual que aumenta entre os habilitados. Mas será que os vestibulandos que terminaram o secundário no Ceará tem maiores chances do que aqueles que terminaram em outro Estado? Vejamos os números: dos 14.510 inscritos no vestibular 96.1 que afirmaram ter concluído ou que iam concluir seus estudos no Estado do Ceará, somente 13,6% destes foram habilitados; dos que concluíram seu 2º grau no Estado do Piauí 13,1% foram habilitados; dos secundaristas alagoanos inscritos, 9,4% foram habilitados; dos alunos do Estado do Amapá, apenas 8,7% dos inscritos foram habilitados; e são os inscritos com 2º grau oriundo da Bahia, Rio Grande do Norte e Exterior, que vêm a derrubar o desempenho dos cearenses, pelo menos neste pleito analisado, apresentando 18,4%, 14,9% e 27,5% de habilitados entre seus inscritos, respectivamente - vide tabela III - .

TABELA III: Unidade da Federação onde o vestibulando concluiu o 2º grau.

Estado	INSCRITOS(1)	%	HABILITADOS(2)	%	% (2) / (1)
Exterior	51	0,3	14	0,6	27,5
Bahia	48	0,3	9	0,4	18,4
R.G. Norte	67	0,4	10	0,5	14,9
Ceará	14.510	89,5	1.984	92,1	13,7
Piauí	221	1,4	29	1,3	13,1
Alagoas	224	1,4	21	1,0	9,4
Amapá	92	0,6	8	0,4	8,7
Outros	583	3,6	49	2,3	8,4

Fonte: Dados básicos do questionário sócio-econômico da CCV/UFC. Cálculos do autor.

Hab: Habilitados

Fazendo-se uma síntese do conjunto de indicadores demográficos, parece claro que não se pode extrair nenhuma posição conclusiva sobre o caráter diferenciador dos mes-

mos em relação à probabilidade de sucesso no vestibular. A não ser quando o curso é tipicamente feminino ou masculino.

1.2 - ANÁLISE DOS INDICADORES EDUCACIONAIS

Os números do Apêndice III, tabelas A-VII e A-XII, mostram uma seleção prévia já na inscrição do concurso, onde a maioria dos candidatos é proveniente da escola particular (61,8% no 1º grau e 67,3% no 2º grau).

Das duas tabelas citadas, os inscritos que fizeram seus estudos de 1º grau maior parte em escola pública, migram para a escola particular quando da ida para o 2º grau, em busca de "melhor ensino" (8,1% cai para 5,4%).

Quando partimos para o conjunto dos habilitados, os percentuais dos alunos provenientes do 1º e 2º graus todo em escola particular crescem e são maioria (70,7% e 74,3% tabelas A-VII e A-XII, respectivamente) o que confirma a melhor preparação para o vestibular do candidato oriundo deste tipo de escola.

Fazendo uma análise relativa, vemos que os candidatos que cursaram o 2º grau todo em escola particular têm 1,4 vezes mais chances (14,7%) de acesso à Universidade do que os oriundos do ensino todo em escola pública (10,4%).

A Tabela IV possui os percentuais agregados do 1º e 2º graus feito pelo vestibulando na escola particular. Os dados não só confirmam o que comentamos acima, como também revelam que o 1º grau feito em colégio privado habilita mais candidatos do que no 2º grau (81,2% para 1º grau e 78,9% para o 2º grau).

Ainda na mesma tabela, notamos que boa parte dos inscritos concluíram o 2º grau nos 12 maiores colégios particulares de região metropolitana de Fortaleza (46,9%), aumentando esse número entre os habilitados (59,0%). Será que essa maioria é por excelência de de-

sempenho? Analisemos os números desagregados dos estabelecimentos no apêndice III, tabelas A-X.

No confronto entre escola pública e privada temos: 2.078 inscritos com conclusão do 2º grau em escola pública e 10.033 inscritos oriundos dos estabelecimentos particulares. Há ainda 4.108 inscritos que são de estabelecimentos de ensino que não constavam no questionário, bem como de alunos de colégios de outros estados, somados àqueles que responderam à pergunta incorretamente ou simplesmente não à responderam. (vide apêndice III, tabela A-X.1)

Quando observamos a transição (inscritos/habilitados) verificamos uma pequeníssima variação dos alunos oriundos de estabelecimentos públicos (12,8% entre os inscritos e 11,3% entre os habilitados). Já os alunos dos estabelecimentos particulares, maioria entre os inscritos, marcaram maior presença entre os habilitados ganhando mais 9,8 pontos percentuais na transição.

Dos estabelecimentos públicos, o que mais se destacou foi a Escola Técnica Federal do Ceará - ETFCE. Foram 120 alunos da ETFCE habilitados, o que representou no universo das escolas públicas 49,4%. Comparando ao total dos habilitados, a ETFCE atingiu 5,6 pontos percentuais, colocando-a entre os cinco primeiros estabelecimentos que mais habilitaram alunos. Lembramos ainda que dos 345 alunos da ETFCE que se inscreveram no vestibular, 34,8% foram habilitados. Um desempenho não alcançado por nenhum dos grandes estabelecimentos privados de Fortaleza.(apêndice III, tabela A-X.2)

TABELA IV: Indicadores Educacionais mais frequentes dos vestibulandos da UFC - 96.1.

INDICADOR	Em %		
	INSCRITOS	HABILITADOS	Ñ HABILITADOS
Fez seus estudos de 1º grau todo ou maior parte em escola particular	73,2	81,2	71,9
Concluiu o 2º grau em um dos 12 maiores colégios particulares de Fortaleza	46,9	59,0	45,0
Fez seus estudos de 2º grau todo ou maior parte em escola particular	73,2	78,9	72,3
Fez seus estudos de 2º grau todo ou maior parte durante o dia	86,3	92,0	85,5
Concluiu o 2º grau em 1995	48,9	46,6	49,3
Não freqüentou cursinho	58,6	56,4	58,9
Freqüência no exame vestibular	51,4*	54,0**	52,5*
Não tinha iniciado outro curso superior	82,5	77,1	83,3
Escolheu o curso para o qual foi aprovado por adequação às aptidões pessoais	68,3	76,4	67,1

Fonte: Dados básicos do questionário sócio-econômico da CCV/UFC. Cálculos do autor.

* nunca prestou vestibular antes.

** prestou uma ou mais vezes o vestibular, anteriormente.

O que tentamos mostrar no parágrafo anterior, é que o ensino público no Brasil pode retomar ao que era em anos anteriores. Bastando para isso voltar a investir no ensino fundamental e secundário. Não se deve apenas alocar dotações orçamentárias, mas promover uma reforma estrutural do ensino que possa diminuir gradativamente a evasão e a repetência, e fixar mais o aluno pobre na escola; que possa renovar o quadro de educadores e também melhor remunerá-los. Ou nas palavras de Castro: "Antes de pensar em acrescentar educação sexual, meio ambiente ou melhorar o conteúdo humanista, é preciso assestar todas as baterias no mais essencial: entender o que se lê, comunicar-se corretamente por escrito e lidar com problemas numéricos ou quantitativos do cotidiano" (2:1994) (grifo nosso).

Dos estabelecimentos privados os que mais se destacaram foram: Organização Educacional Farias Brito; Colégio 7 de Setembro; Colégio Christus; e o Colégio Geo Stúdio, apresentando respectivamente: 13%; 10,3%; 10,2%; e 9% de alunos entre os habilitados. No entanto, seus desempenhos⁶ foram, na mesma sequência: 16,7%; 31,5%; 20,6%; e 14,4%.(apêndice III, tabela A-X.3)

⁶ Esse desempenho é o percentual relativo dos inscritos de cada colégio e os seus respectivos habilitados.

TABELA V : Turno em que o vestibulando fez o curso de 2º grau.

Turno	INSCRITOS		HABILITADOS		% (2) / (1)
	Total(1)	%	Total(2)	%	
Diurno	14.002	86,3	1.982	92,0	14,2
Noturno	1.850	11,4	145	6,8	7,8

Fonte: Dados básicos do questionário sócio-econômico da CCV/UFC. Cálculos do autor.

Grande parte dos inscritos no vestibular 96.1 da UFC, fez seu 2º grau no período diurno(86,3%). Na transição (inscrito/habilitado) observamos um aumento da participação dos mesmos (saltou para 92%) de quase seis pontos percentuais.

Essa presença significativa de alunos do turno diurno tanto entre os inscritos, como também entre os habilitados é sinônimo de que a maioria dos vestibulandos não trabalha, segundo Whitaker. Pode-se também deduzir que os alunos diurnos têm um melhor desempenho (14,2%) do que os alunos que estudam à noite (7,8%). Há ainda outro fator lembrado por Monteiro et al : “de uma maneira geral os alunos que estudam durante o dia têm seus estudos custeados pela família, enquanto os frequentadores dos cursos noturnos são responsáveis por seus próprios estudos”(10:1993).

Vejamos agora o comportamento daqueles que concluem o ciclo secundário. A maioria dos vestibulandos presta vestibular logo após o término do segundo grau. “De fato, todas as pesquisas indicam que próximo de 98% dos 600 mil que concluem o secundário pretendem ir para a universidade”, é o que confirma Castro(2:1994). Isso pode se confirmar também na UFC. Vejamos a tabela VI.

TABELA VI: Ano de conclusão do 2º grau dos vestibulandos.

ANO DO TÉRMINO	INSCRITOS	HABILITADOS	Em %
			Ñ HABILITADOS
1995	48,9	46,6	49,3
1994	19,5	22,4	19,1
1993	8,9	10,3	8,7
1992/antes	18,8	17,9	19,0

Fonte: Dados básicos do questionário sócio-econômico da CCV/UFC. Cálculos do autor.

Obs.: os dados não fecham 100%, porque não estão incluídos nesta tabela os candidatos que não responderam ou responderam incorretamente.

Observa-se algo de curioso na tabela VI. Os recém formados em 1995, apesar de continuarem em maioria na transição para os habilitados perdem dois pontos percentuais enquanto os formados em 1994 sobem de 19,5% entre os inscritos para 22,4% entre os habilitados. Os concludentes de 1993 são 8,9% entre os inscritos e passam a ser 10,3% entre os habilitados e por fim os formados em 1992 ou anos anteriores, praticamente, se mantêm constantes na transição. A explicação para isto é dada por Whitaker, quando afirma que os candidatos formados um ou mais anos antes do vestibular, recorrem aos cursinhos para poder concorrer novamente ao concurso. Ou seja, o que os números retratam é o que ela chama de "efeito cursinho", embora com pequenas variações.

TABELA VII: desempenho dos inscritos por ano de término do 2º grau.

ANO DO TÉRMINO	INSCRITOS	% RELATIVOS DOS HABILITADOS
1995	7.938	12,6
1994	3.168	15,2
1993	1.443	15,3
1992/antes	3.057	12,6

Fonte: Dados básicos do questionário sócio-econômico da CCV/UFC. Cálculos do autor.

Como se vê na tabela VII, os melhores desempenhos são dos candidatos formados em 1994 e 1993. A partir de 1992 ou antes, no entanto, as porcentagens caem. Sucessivos fracassos realmente atrapalham a performance dos candidatos. Além disso, os mais habilitados em prestar vestibular, evidentemente já entraram.

Passemos aos comentários sobre a influência do cursinho no vestibular. A literatura vigente é quase unânime na afirmação de que os alunos preparados em cursinhos conseguem bons êxitos nos exames vestibulares. O segredo é simples: os cursinhos fabricam candidatos; há cursos, que por serem mais sofisticados, possuem complexos programas computadorizados para descobrir as questões com maior probabilidade de serem incluídas nas provas; e, finalmente, podemos deduzir que os candidatos oriundos de uma preparação em cursinhos, são de famílias das classes alta e média alta, pois os custos de uma complementação

de ensino secundário são altos e, em sendo eles dessas classes, sabemos as vantagens adicionais que possuem perante os demais candidatos.

Mas na análise desta variável pouco vemos de significativo na evolução dos números. E isto é explicado pelo modo como estamos focalizando este possível efeito. Como lembra Whitaker, o "efeito cursinho" se faz sentir quando enfocamos cada curso da universidade isoladamente e não de uma forma geral como estão apresentados os percentuais no apêndice III, tabela A-XV. E mais, quanto maior for o prestígio do curso da graduação maior se fará perceber o "efeito cursinho". O que não deixa de ser óbvio. É claro que alunos candidatos ao curso de Medicina irão se empenhar por uma boa preparação - fazendo cursinho - e que aqueles que irão concorrer a uma vaga no curso de Física não terão que fazer tamanho esforço - portanto, não procuram o reforço dos cursinhos -.

Vejamos então os números do apêndice III, tabela A-XIV. Dos 58,6% de inscritos que afirmaram não freqüentar ou não ter freqüentado cursinho, são 56,4% dos habilitados. Aqueles que afirmaram ter freqüentado por menos de um semestre eram entre os inscritos 7,4% e entre os habilitados 7,0% - pelo visto, dois ou três meses de cursinho não vale a pena - . Entre os inscritos os que responderam ter freqüentado cursinho por um semestre temos 18,1% que subirão para 19,1% entre os habilitados. Os que freqüentaram o cursinho por um ano são 10,5% entre os inscritos e 13,2% entre os habilitados. Isto se pode ver também pelo item anteriormente analisado (Tabela VII). Os alunos que concluíram o 2º grau um ano ou dois anos antes do exame vestibular obtiveram um melhor desempenho (de 15% aproximadamente) do que aqueles que terminaram em 1995, e este êxito pode ser explicado pela experiência já vivida de vestibulares passados e pela passagem do candidato pelo cursinho.

1.3 - ANÁLISE DOS INDICADORES SÓCIO-CULTURAIS

Mais da metade dos candidatos inscritos 51,9% têm pais com instrução superior, 2º grau incompleto e completo, enquanto entre os habilitados esta participação sobe para 63,4%. (Tabela VIII, abaixo)

Os vestibulandos com pais de pouca instrução totalizam 19,4% dos inscritos e 13,2% dos habilitados, enquanto com pais com curso superior inscrevem 26,6% e classificam 37,4%.(vide apêndice III, tabela A-XXXI).

Os pais de baixa instrução⁷ inscreveram 3.150(19,4%), destes 9,1% foram habilitados no vestibular 96.1, enquanto os que têm instrução superior inscreveram 4.312 e destes o dobro (18,7%) foram habilitados. (vide apêndice III, mesma tabela citada acima)

TABELA VIII: Indicadores Sócio-Culturais mais frequentes dos vestibulandos da UFC - 96.1

INDICADOR	Em %		
	INSCRITOS	HABILITADOS	Ñ HABILITADOS
Lê freqüentemente apenas jornal	59,5	58,4	59,7
Gasta a maior parte do tempo de lazer em casa	61,5	62,8	61,3
Tem pai com curso científico completo e superior completo ou incompleto	51,9	63,4	50,1
Tem mãe com curso científico completo e superior completo ou incompleto	53,3	63,4	51,9

Fonte: Dados básicos do questionário sócio-econômico da CCV/UFC. Cálculos do autor.

Concluimos que o grau de instrução do pai não só influencia no momento da escolha do curso - conforme a opinião de Whitaker -, mas contribui para o desempenho do candidato no vestibular ao ponto de suas chances de habilitação no certame crescerem proporcionalmente com o grau de instrução do pai do candidato.

Vejamos a influência do grau de instrução da mãe dos candidatos. Mais da metade dos candidatos habilitados (63,4%) no vestibular 96.1 da UFC, têm mães com educação superior ou científico completo e incompleto.(vide Tabela VIII)

Somente 10,5% dos vestibulandos com mães de baixa instrução foram habilitados no concurso, enquanto 28,6% dos vestibulandos com mães de formação superior lograram habilitação.(vide apêndice III, tabela A-XXXI)

⁷ Estão aí incluídos os pais analfabetos, os que lêem e escrevem sem ter ido a escola e os que possuem primário incompleto.

Como podemos ver na tabela IX o percentual relativo de habilitação cresce com o grau de escolaridade da mãe do candidato, salvo algumas exceções. O que não deixa de ser verdade a correlação positiva do grau de escolaridade da mãe com o índice de habilitação dos candidatos no vestibular, parecendo evidenciar a tese de que a convivência com pessoas de maior grau de instrução é importante para o bom êxito nos estudos.

TABELA IX: Escolaridade da mãe versus desempenho dos vestibulandos inscritos.

Escolaridade	Mãe	% Relativo
Analfabeto	18	5,9
Lê e escreve sem escola	30	7,1
Primário incompleto	178	9,8
Primário completo	155	11,5
Ginásio incompleto	112	12
Ginásio completo	101	9,8
Científico incompleto	123	15,1
Científico completo	635	13,9
Superior incompleto	114	15,9
Superior completo	617	18,4

Fonte: Dados básicos do questionário sócio-econômico da CCV/UFC. Cálculos do autor.

1.4 - ANÁLISE DOS INDICADORES ECONÔMICOS

É óbvio que a maioria dos vestibulandos não tem atividade remunerada. Afinal, o vestibular é mesmo "A Seleção dos Privilegiados" segundo Dulce Whitaker. Mas há maiorias e maiorias. Enquanto 75,8% dos candidatos inscritos estão nesta categoria, eles serão 79,0% - 3,2 pontos a mais - para os habilitados. Giram em torno também de 75% entre os não habilitados. (Tabela X)

TABELA X: Indicadores Econômicos mais frequentes dos vestibulandos da UFC - 96.1

INDICADOR	INSCRITOS	HABILITADOS	Ñ HABILITADOS
- Não exerce atividade remunerada	75,8	79,0	75,3
- Tem seus gastos financiados pela família	75,3	79,5	74,6
- Meio de locomoção mais utilizado (carona ou ônibus)	65,2	62,2	65,6
- A ocupação principal do pai é, profissional de nível superior ou nível médio; proprietário de grande, média e pequena empresa.	75,0	81,9	73,9
- A ocupação principal da mãe é, profissional de nível superior ou nível médio; proprietária de grande, média e pequena empresa.	41,2	46,8	40,4
- Renda familiar	51,9*	55,0**	53,3*

Fonte: Dados básicos do questionário sócio-econômico da CCV/UFC. Cálculos do autor.

* Renda familiar abaixo de 11 salários mínimos.

** Renda familiar a partir de 11 salários mínimos.

Embora significativo número deles não trabalhe, há, entre os vestibulandos, 3 categorias de trabalhadores. Aqueles que trabalham em tempo parcial, os que trabalham em tempo integral e os de trabalho eventual. Vejamos detalhadamente como se distribuem os candidatos trabalhadores entre essas 3 categorias (vide apêndice III, tabela A-XX). Nos habilitados temos uma igualdade percentual entre as duas primeiras (7,4% e 7,4%), restando 4,9% para o trabalho eventual. Para os não habilitados, os números dos que trabalham em tempo integral (9,3%) já é um pouco superior à dos que trabalham em tempo parcial (8,6%), ficando 4,5% para o eventual. Porcentagens semelhantes ocorrem entre os inscritos.

Qual a influência do trabalho sobre o candidato? O leitor desta análise já estará com a resposta. Os que não exercem atividade remunerada têm um melhor aproveitamento, senão vejamos: 13,9% deles são habilitados, contra 11,3% dos que trabalham em tempo parcial e tempo integral - somados os dois -.

Há ainda uma outra análise a ser feita que é a participação do candidato na vida econômica da sua família. Os resultados da análise aqui seriam quase desnecessários. As porcentagens dos que não trabalham são, obviamente, mais ou menos as mesmas do item analisado anteriormente. (ver Tabela X, acima - 2ª linha)

Para esta análise os estudantes trabalhadores se dividem em 4 categorias, dependendo da ajuda que recebem ou que proporcionam à família. Vejamos os números desagregados no apêndice III, tabela A-XXI. As porcentagens altas dos não trabalhadores crescem na transição. Então só temos de ver rapidamente o que acontece entre os menos privilegiados que concorreram a este vestibular. Os que trabalham e recebem ajuda da família são 10,4% dos inscritos. Apesar da ajuda da família caem para 9,7% entre os habilitados e permaneceram em 10% entre os não habilitados. As porcentagens dos que trabalham e não recebem ajuda serão agora bem mais baixas entre os inscritos (4,9%), caindo para 3,3% entre os habilitados e subindo um pouco (5,2%) entre os não habilitados. Agora, vêm os que trabalham e ajudam parcialmente a família. Nas três categorias eles mantêm sua participação na casa dos

4%, não havendo variações significativas entre inscritos, habilitados e não habilitados. Entre os trabalhadores que sustentam a família, as porcentagens são um pouco mais baixas do que os demais, em torno de 2% de participação nas 3 qualificações. Dos 401 inscritos nesta categoria, serão apenas 39 entre os habilitados, o que lhes dá um desempenho de 9,2%.

E o trabalho dos pais? A CCV dá ao candidato 9 opções de respostas a esta pergunta, de modo que um espectro de números se distribui entre as possíveis ocupações. Mas os inscritos, habilitados e não habilitados, apresentam em comum uma concentração significativa de alunos respondendo às cinco primeiras opções: proprietário de grande empresa; proprietário de média empresa; profissionais e técnicos de nível superior; profissionais e técnicos de nível médio; e proprietário de pequena empresa. Sendo 75,0%, 81,9% e 73,9% seus percentuais respectivamente. O que não deixa de ser uma prova da elitização dos aspirantes à Universidade. (Tabela X)

Desses 5 primeiros o que mais se destacou entre os habilitados foi aquele que os pais são profissionais e técnicos de nível superior. Eles eram 25,6% entre os inscritos, subiram para 33,7% entre os habilitados e apresentaram um desempenho de 17,5%. (vide apêndice III, tabela A-XXX).

Os alunos cujos pais são do grupo I (Secretário; professor de 1º grau; balconista; etc.) e do grupo II (Operário; servente; pedreiro; etc.) da tabela A-XXX, fazem parte da minoria entre os inscritos 9,0% e 10,1%, respectivamente, e serão menos ainda entre os habilitados 7,2% e 7,2%, voltando a casa dos 9% e 10% entre os não habilitados. O que mostra claramente a desvantagem destes dois grupos perante os demais. Esta desigualdade na disputa pode ser reflexo da falta de poder aquisitivo destes pais, o que equivale a dizer, a falta de condições de oferecer a seus filhos uma melhor preparação para o concurso vestibular, ou pior ainda, a impossibilidade de mantê-los até o final dos estudos do 2º grau - daí o porquê deles serem minorias na participação do certame.

Vejamos aqui o efeito ocupação das mães. Entre as mães dos inscritos 38,3% delas são donas de casa e 41,2%⁸ ocupam espaço no mercado de trabalho privilegiado, pois são proprietárias de pequenas, médias e grandes empresas e profissionais técnicos de nível médio ou superior. As donas de casa perdem alguns pontos na transição para os habilitados e serão 36,7% e as mães ocupantes das cinco primeiras opções da pergunta sobem para 46,8% entre os alunos habilitados. (vide apêndice III, tabela A-XXX)

As mães com ocupação profissional nos grupos I e II também encontram, neste vestibular da UFC, um fator de exclusão de seus filhos no processo seletivo: as diferenças entre inscritos e habilitados cujas mães pertencem a esses dois grupos, embora pequenas, revelam isso: 15,5% e 13,2%, respectivamente.

O que podemos concluir desses números é que as mães que trabalham e são bem remuneradas, levam mais filhos para as universidades e as mães trabalhadoras e não tão bem remuneradas quanto as primeiras, vêem seus filhos com menores chances de ingresso e pouco desempenho no certame.

Por fim, analisaremos a variável renda. Mas antes, atentamos que no questionário sócio-econômico da CCV/UFC, esta pergunta não se faz presente dentre as demais, fato que parece um tanto quanto estranho, dada a natureza do questionário. No entanto, conseguimos obter a renda familiar, conjugando as perguntas relativas a remuneração do pai, da mãe e do próprio candidato. Assim sendo, obtemos a Tabela XI.

⁸ Referentes aos dados agregados das cinco ocupações, ver Tabela X.

TABELA XI: Renda Familiar (somatório dos salários do candidato, do seu pai e de sua mãe).

Faixa de Renda em SM	INSCRITOS		HABILITADOS		NÃO HABILITADOS	
	RF	%	RF	%	RF	%
Menos de 1	77	0,5	4	0,2	73	0,5
1 — 3	1.319	8,1	114	5,3	1.205	8,6
3 — 5	2.018	12,4	204	9,5	1.814	12,9
5 — 7	1.546	9,5	149	6,9	1.397	9,9
7 — 9	1.549	9,6	219	10,2	1.330	9,5
9 — 11	1.473	9,1	188	8,7	1.285	9,1
11 — 15	1.959	12,1	260	12,1	1.699	12,1
15 — 20	1.272	7,8	195	9,0	1.077	7,7
20 — 30	1.466	9,0	236	11,0	1.230	8,7
30 — 40	433	2,7	65	3,0	368	2,6
40 a 99	2.158	13,3	416	19,3	1.742	12,4
Mais de 100	146	0,9	13	0,6	133	0,9
Não se aplica	442	2,7	54	2,5	388	2,8
R. Err.	36	0,2	16	0,7	20	0,1
NR	325	2,0	22	1,0	303	2,2
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

Fonte: Dados básicos do questionário sócio-econômico da CCV/UFC. Cálculos do autor.
O salário mínimo oficial do governo no período de aplicação do questionário (out/95) era de R\$ 100,00.

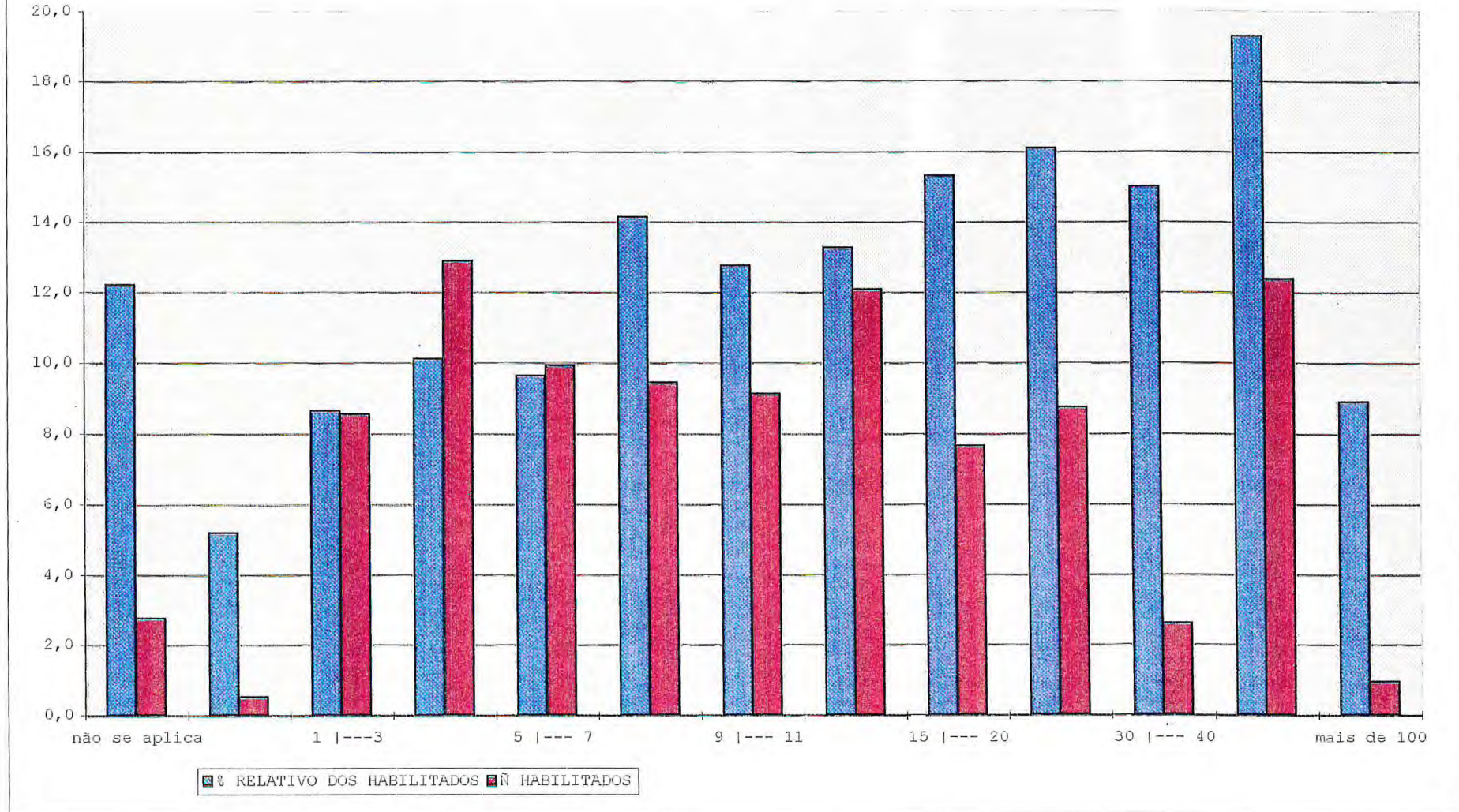
A renda é o item mais objetivo da análise. A distribuição dos candidatos por essas faixas, mostram que eles não pertencem às mais altas camadas sócio-econômicas do sistema. Confirma-se aqui o que já foi observado por Whitaker, em 1981 e em 1989, para o Estado de São Paulo: “filhos de famílias muito ricas podem pagar estudos e, conseqüentemente, são os filhos de famílias dos estratos médios que lutam com mais garra pelas vagas da universidade pública”⁹.

Mas é preciso observar concretamente o fenômeno. Somente a partir da faixa de renda de 11 salários mínimos é que temos um significativo crescimento da participação dos habilitados. Isto revela, a priori, a supremacia desses candidatos oriundos dos extratos mais altos da sociedade. Vide gráfico 1.

⁹ WHITAKER, D.C.A. - 1981 - A Seleção de Privilegiados. São Paulo - Editora Semente.

GRÁFICO 1

PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DE TODOS OS CANDIDATOS HABILITADOS E NÃO HABILITADOS POR FAIXA DE RENDA FAMILIAR.



Para se fazer uma análise mais consistente, faz-se necessário ver os percentuais relativos de cada faixa de renda. Examinemos então.

TABELA XII: Desempenho dos inscritos conforme a faixa de renda familiar.

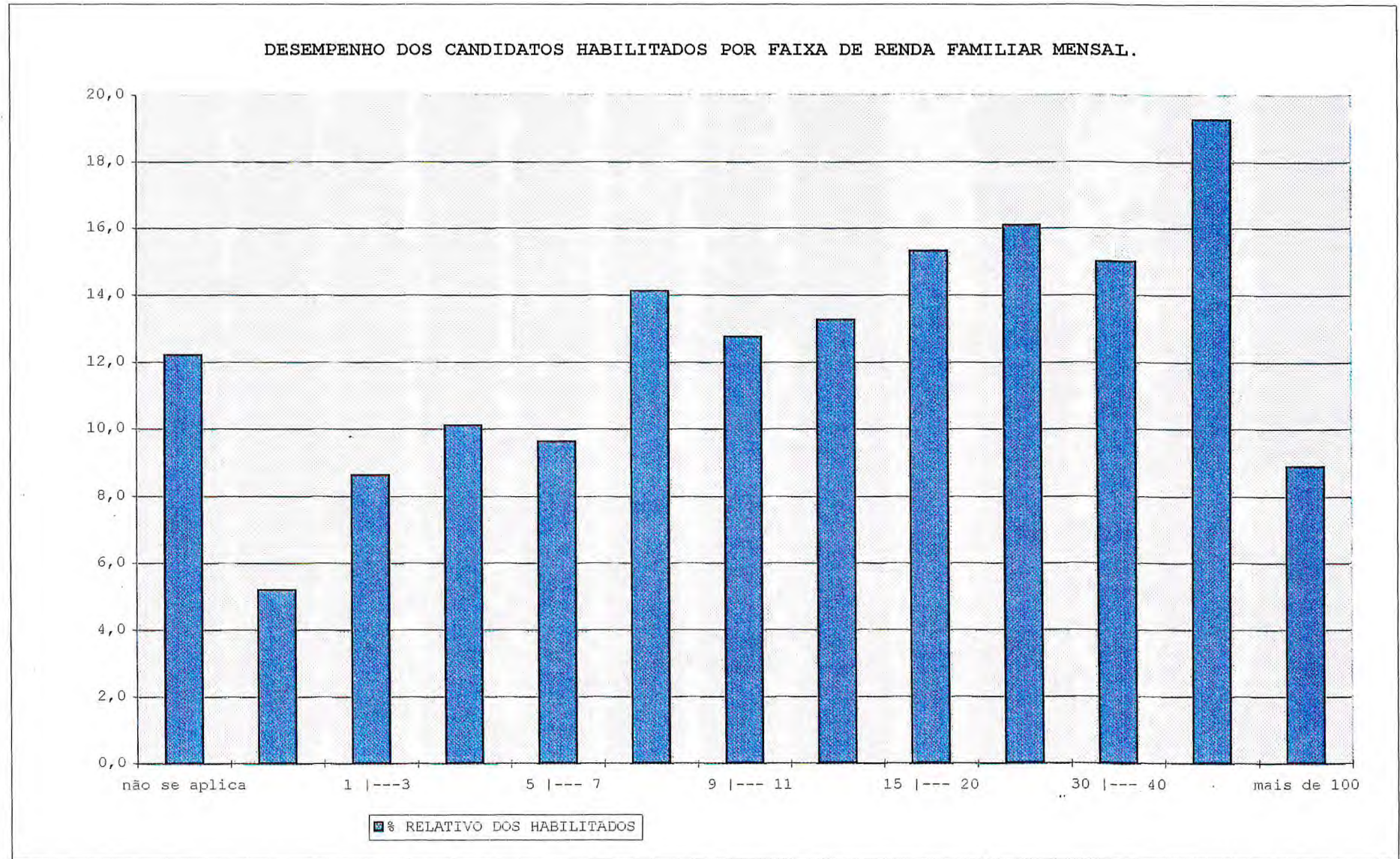
FAIXA DE RENDA EM SM	INSCRITOS(1)	HABILITADOS(2)	% (2) / (1)
Não se aplica	442	54	12,2
menos de 1	77	4	5,2
1 — 3	1.319	114	8,6
3 — 5	2.018	204	10,1
5 — 7	1.546	149	9,6
7 — 9	1.549	219	14,1
9 — 11	1.473	188	12,8
11 — 15	1.959	260	13,3
15 — 20	1.272	195	15,3
20 — 30	1.466	236	16,1
30 — 40	433	65	15,0
40 a 99	2.158	416	19,3
mais de 100	146	13	8,9

Fonte: Dados básicos do questionário sócio-econômico da CCV/UFC. Cálculos do autor.

De fato, há um crescimento da participação dos habilitados nas faixas de maiores rendas e uma pouca participação nas de menores remunerações. Constata-se, então, que houve a exclusão das camadas de menor renda, confirmando-se aqui na UFC o que a literatura já havia constatado - nessas faixas situam-se os candidatos mais despreparados. Vide gráfico 2, referente a Tabela XII.

Com relação a faixa de renda 'não se aplica', esta possivelmente é composta por vestibulandos órfãos que moram com parentes e não trabalham, ou simplesmente moram com seus familiares, fatos que levaram muitos a responderem que a renda do pai e da mãe não existia, o que na prática é um absurdo e um desafio para a sobrevivência.

GRÁFICO 2



As exaustivas análises realizadas neste capítulo não são suficientes para determinar qual ou quais variáveis são significativas para o sucesso no concurso vestibular. Elas exigem um segundo nível de estudo, onde se busca as interações e as correlações entre todas as principais variáveis envolvidas - neste capítulo somente observamos o efeito isolado de cada variável -.

Portanto, no capítulo seguinte faremos um exame da literatura para escolhermos quais serão as variáveis ditas decisórias pelos diversos autores e, de posse delas, partiremos para um outro capítulo onde faremos os testes das mesmas em nove cursos selecionados da UFC que foram ofertados no exame vestibular ora analisado.

Capítulo 2 - DETERMINANTES DO SUCESSO NO VESTIBULAR: UMA REVISÃO DA LITERATURA.

O MEC recomenda às Instituições de Ensino Superior, a coleta de informações de *identificação sócio-econômica dos candidatos que se inscrevem nos seus concursos vestibulares*. Com a finalidade de levantar dados a respeito da clientela que busca dar continuidade aos seus estudos em uma faculdade.

As informações contidas nas respostas dos candidatos representam uma massa de dados que permitem traçar o perfil daqueles que ingressam no ensino superior e estabelecer alguns indicadores de origem sócio-econômica, relacionados com o seu desempenho no exame.

Para a realização deste estudo, escolheremos algumas das trinta e cinco perguntas do questionário sócio-econômico aplicado aos candidatos inscritos no primeiro vestibular da Universidade Federal do Ceará - UFC para o ano de 1996.

Esta escolha terá como base os trabalhos de pesquisadores que analisaram a matéria em anos anteriores e apontaram em suas pesquisas aquelas variáveis significantes para o ingresso no ensino de 3º grau.

Inicialmente, seguiremos os passos de Alves(1:1991), em seguida os de Castro(2:1994;3:1976) e finalmente passando pelas pistas de Whitaker(13:1989) e Guimarães(8:1982).

Consideramos por demais salutar esse 'passeio' em busca de idéias e sugestões, uma vez que tratam-se de estudos especializados, de autores que dedicaram boa parte do seu tempo em analisar o ensino superior e assim contribuir para torná-lo mais democrático.

Em seu trabalho Alves não deixa dúvidas de que a variável renda¹⁰ (do indivíduo ou familiar) é a mais significativa e a que mais influencia para o ingresso em uma universidade.

Analisando aqueles desprovidos de qualquer tipo de renda ou que tenham baixa renda - os pobres -, segundo Alves, é insignificante o número destes que milagrosamente conseguem chegar às universidades brasileiras. E o porquê disto, uma vez que as entidades públicas¹¹ oferecem o ensino fundamental e secundário gratuitamente, com direito a merenda escolar?

Alves dá 3 razões econômicas fundamentais para explicar essa exclusão do ensino do 3º grau, dos menos afortunados: o alto custo de oportunidade; os benefícios esperados da educação; e a dificuldade em efetuar e desenvolver o aprendizado.

Não é aumentando o número de escolas públicas, ou o número de vagas nas séries escolares, ou distribuindo uma merenda durante o turno das aulas que se consegue ampliar o número de pobres com o 2º grau completo e, por conseguinte, em condições de disputar uma vaga para o nível superior. Essas medidas longe estão de levar às universidades, pelo menos 50% dos alunos iniciantes de uma 1ª série primária da rede pública de ensino. Elas servem mais como paliativos e fachadas de políticos oportunistas.

A realidade mostra que a desistência ou a evasão, dos relativamente pobres, das escolas está diretamente relacionada ao custo de oportunidade do trabalho dos alunos. Nas palavras de Alves: “os jovens contribuem com seu trabalho para a renda da unidade familiar pobre, o que significa que, mesmo que os primeiros anos de escola sejam gratuitos, eles acarretam um custo para a família: a renda sacrificada ou o custo de oportunidade do trabalho do jovem¹².” (1:1991)

¹⁰ Entendendo-se: quanto maior for a renda maior a probabilidade de sucesso no vestibular.

¹¹ Municípios e Estados são obrigados por lei, a oferecerem o primário, o ginásio e o secundário gratuitamente. Lei 9394/96(LDB) Art. 10,VI e Art. 11,V.

¹² Sabemos que é comum as crianças a partir dos 7 anos de idade já começarem a trabalhar para completar a renda familiar.

Infelizmente, o aluno pobre não é estimulado para concluir os seus estudos, dado o contexto em que ele está inserido. Com isso, ele tende a resumir sua formação intelectual a três coisas: ler; somar; e assinar o nome¹³. Para ele, os retornos dos investimentos na educação pessoal não são favoráveis.

Eis a explicação de Alves: "mesmo que sejam capazes de completar sua educação primária, os pobres em geral têm mais dificuldades em competir por emprego no setor rural ou urbano que os ricos, com o mesmo nível de educação, devido ao maior campo de contatos e influência dos últimos. Mais ainda, ao nível da educação primária formal, grande parte dos benefícios esperados só se realizam com a entrada do estudante no ciclo secundário, que representa uma possibilidade muito maior para os ricos." (1:1991)

Finalmente devemos lembrar que as famílias da classe baixa não possuem um ambiente propício para o desenvolvimento do aprendizado, ou seja, a ausência de uma boa alimentação; a ausência de um cômodo no lar destinado aos estudos; a ausência até, em alguns casos, de móveis em casa para o aluno estudar. Tudo isso dificulta o aprendizado e proporciona uma desvantagem do aluno pobre com relação aos alunos das demais classes sociais.

Como disse Alves: "seu mau desempenho escolar não tem nada a ver com a falta de capacidade de aprendizado. Pelo contrário, reflete meramente circunstâncias econômicas desfavoráveis". E em outra parte dos seus estudos diz que: "convém lembrar que uma infância caracterizada por má nutrição e pobre ambiente familiar muito provavelmente deve exercer impacto negativo sobre a capacidade de aprendizado da criança." (1:1991)

¹³ Uma recente pesquisa realizada pelo MEC/SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) em 1995, vem a confirmar essa postura. "Dos alunos que frequentavam a 4ª série do 1º grau, 53,2% compreendem um texto e somente 33% desse mesmo grupo, dominam as operações matemáticas básicas. A situação é ainda mais crítica quando se avaliam capacidades um pouco mais complexas como crítica de texto ou resolução de problemas matemáticos. Essa pesquisa foi realizada por meio da aplicação de provas de português e matemática a 124,8 mil alunos de escolas públicas e particulares em 27 estados e 639 municípios". Apud: DIAZ, M^a. Dolores M. Permanência Prolongada na Graduação da Universidade de São Paulo: Custos e Fatores Associados. São Paulo. 1996. p.1.

Como podemos observar, a variável renda, tão significativa na opinião de Alves, é a que elimina do processo seletivo do vestibular os relativamente pobres, ou melhor argumentando, não permite a esses a chance de disputar o mencionado concurso, sendo eliminados nos estágios iniciais da formação educativa, pelas razões examinadas acima. Passemos agora ao exame da influência desta mesma variável, nas classes médias baixa e alta e classe rica.

O fator renda proporciona aos alunos das classes média baixa e média alta, maiores chances de um lugar ao sol nas instituições de ensino superior porque os jovens oriundos dessas classes com frequência estudam em colégios que proporcionam uma melhor preparação para o concurso vestibular. São jovens que não começam a trabalhar precocemente e em seus lares as condições e circunstâncias facilitam o aprendizado. No entanto, Alves, afirma que a eles estão reservadas as vagas das faculdades particulares, onde eles são a maioria do corpo discente¹⁴.

Aos que fazem parte dos estratos superiores de renda e riqueza, não precisamos tecer muitos comentários pois, pelo que foi visto até o momento, conclui-se que eles têm tudo para conquistar o grande sonho de passar no vestibular de qualquer curso superior. A estes estão reservadas as vagas do ensino superior público e gratuito. Essas vagas são conquistadas com muito esforço e com boa preparação no 2º grau, inclusive em cursinhos, o que equivale a dizer, altos investimentos em educação.

Para finalizar a pesquisa em cima do trabalho de Alves, há ainda 2 variáveis mencionadas implicitamente por ele e que serão consideradas nesta monografia, quais sejam: formação do 1º e 2º graus, se em escola pública ou em escola particular; e a educação dos pais¹⁵ - variáveis não econômicas, diretamente -. No entanto, a primeira deriva basicamente do nível

¹⁴ A essa opinião soma-se a de Castro. No entanto, Whitaker em seus estudos para a Universidade Estadual de São Paulo - UESP, concluiu que os alunos da classe alta não lutam com muita garra pela universidade pública. Essa divergência de opiniões pode ser explicada: Whitaker estudou um fato particular da UESP e tanto Alves como Castro se pronunciaram, considerando a realidade das universidades do país.

¹⁵ Alves apenas considera esta variável importante mas não se preocupa em discutir o porquê.

de renda da família, os melhores posicionados na pirâmide social procuram o ensino particular e os menos privilegiados buscam o 1º e 2º graus em escolas públicas.

Passando agora às investigações de Castro, observamos em seus estudos que a variável por ele considerada significativa para decidir o vestibular seria a bagagem cultural do aluno, ou seja o capital humano, ou ainda o volume de conhecimento, dizendo de outro modo, o aprendizado do passado. Enfatizando os primeiros anos de escolaridade e a educação informal (ambiente familiar) diz Castro:

“O desenvolvimento cognitivo tem lugar, principalmente, na primeira infância, fortemente influenciado pelo ambiente cultural da família...”Seria bom e salutar, “tentar educar a criança antes que ela chegue à escola primária. Estamos cada vez mais convencidos de que, jardim da infância, escola maternal e maior número de horas de permanência na escola primária são variáveis cruciais em qualquer plano educacional ambicioso, já que, apenas nos primeiros anos de vida, é ainda possível e economicamente viável influenciar o desenvolvimento cognitivo e da personalidade ... a educação formal é apenas um toque final, um complemento do efeito duradouro da educação informal adquirida em casa. Esta é que influencia o desenvolvimento emocional e enculca os valores e atitudes adequadas à escolarização.” (3:1976)

Não quer ele com isso fechar os olhos para outros fatores que influenciam direta e indiretamente na habilitação. No entanto, sua maior defesa é o conhecimento adquirido pelo aluno durante o ensino fundamental. Nos seus termos: “o conhecimento não é algo volátil e aleatoriamente distribuído. Pelo contrário, a aprovação associa-se a condicionantes bem definidos, como notas anteriores, excelência do colégio freqüentado, características sócio-culturais da família, etc.” (2:1994)

Das questões que compõem o questionário da Comissão Coordenadora do Vestibular - CCV da UFC, não temos nenhuma que venha servir para medir o grau das potencialidades intelectuais dos inscritos, mesmo porque isso foge ao seu objetivo específico. No entanto, temos algumas ligadas a formação dessa bagagem cultural, conforme salientou Castro acima. Vejamos.

Entendemos que podemos associar a excelência da colégio freqüentado a duas perguntas do questionário da CCV, referentes a escola pública ou privada durante os ensinos de 1º e 2º graus. Pois, como é de conhecimento público e notório, a escola privada deste nível no Brasil, tende a ter maior qualidade de excelência do que a escola pública.

As características sócio-culturais da família, mencionadas acima, podem ser relacionadas as perguntas do questionário da CCV referentes ao grau de instrução dos pais, suas ocupações profissionais¹⁶ e podendo ser também a renda familiar.

Já o trabalho de Whitaker é semelhante a esta pesquisa, sendo que ela analisou o concurso vestibular da Universidade Estadual de São Paulo de 1985 e 1986. As variáveis por ela escolhidas foram: sexo; formação do 1º e 2º grau, se escola pública ou particular; o turno - diurno ou noturno - em que fez o segundo grau; o ano em que terminou o segundo grau; freqüência a cursinhos; a instrução e ocupação dos pais; o exercício de atividade remunerada pelo candidato; a colaboração do candidato na formação da renda familiar; a ocupação principal do candidato - sua profissão -; e por fim a renda familiar do candidato.

Essas variáveis foram analisadas em seis cursos, assim distribuídos: Ciências Biológicas (Medicina e Biologia); Ciências Exatas (Engenharia Elétrica e Engenharia Cartográfica); Ciências Humanas (Tradutores e Ciências Sociais).

Seu trabalho mostrou-se por demais interessante e rico, abrindo espaço para muitas interpretações e análises. No entanto, restringiu-se em testar a influência dessas variáveis no vestibular isoladamente¹⁷, ou seja, não analisou as interações e as relações de duas ou mais delas, para o êxito no concurso.

¹⁶ Segundo Castro, "Os dados nos indicam que a proporção de aprovados no vestibular cujos pais têm profissões manuais ou de supervisão (de ocupações manuais) está próxima de 10%". (2:1994).

¹⁷ Tal qual como fizemos no capítulo anterior.

Vejamos agora Guimarães(8:1982). Ela desenvolveu sua dissertação de mestrado com o objetivo de “verificar em que proporção se dá o acesso das classes sociais mais baixas ao ensino superior” da UFC.

Brilhantemente fundamentada, sua dissertação cita vários autores que analisaram as diferenças de chances educacionais. Seu pensamento vem a se somar ao de Alves que considera a variável renda como sendo a mais relevante para o sucesso no vestibular.

Começando por Berger¹⁸, ela tenta mostrar que no Brasil não há seleção de alunos intelectualmente aptos e tão somente uma seleção de classes sociais, onde os vitoriosos são os alunos oriundos das classes média e alta da população.

O que faz tal fato ocorrer, segundo Luiz Antônio Cunha¹⁹, não se deve a incapacidade de aprendizado do aluno da classe pobre, esta nada mais é do que uma consequência de muitos fatores, dentre os quais ele cita:

“a) a situação de fome em que vive grande número das crianças da classe trabalhadora, situação que compromete sua aprendizagem. ‘Quando essas crianças são escolarizadas, seu desempenho é sensivelmente inferior ao das crianças oriundas das camadas médias e da classe dominante.’

b) a discriminação do ensino, que marginalizando a cultura das camadas populares, adota como cultura oficial a das classes privilegiadas da população. ‘Quando as crianças oriundas das classes dominantes e das classes médias vão à escola, têm no ensino um prolongamento da primeira socialização, difusa, doméstica. Entretanto, para os filhos dos trabalhadores, a experiência escolar é algo traumatizante. A disciplina, o significado das palavras, o vocabulário, as maneiras consideradas decentes, a estrutura das frases, a maneira de expressar o pensamento, etc., são percebidos como uma arbitrariedade imposta, contrariando toda a sua primeira socialização.’

c) a qualidade do ensino que é bem melhor nas escolas freqüentadas pelos alunos das camadas de mais altas rendas. Conseqüentemente, o “produto” da educação escolar também será desigual, isto é, a população de baixa renda que consegue concluir determinado grau escolar tem uma educação pior do que a dos estudantes provenientes das famílias da classe dominante e das camadas médias. E a estrutura discriminatória do sistema educacional é de tal maneira eficiente que dá aos jovens da classe trabalhadora a certeza de que ‘a culpa do seu fracasso escolar (e social) se deve às suas próprias insuficiências’; assim como o sucesso dos jo-

¹⁸ Apud GUIMARÃES(8:1982) p.27.

¹⁹ Apud GUIMARÃES(8:1982) p.27.

vens oriundos da classe dominante e das camadas médias é fruto de seus méritos próprios"(8:1982).

Fausto Cupertino²⁰, também citado por Guimarães, é de opinião semelhante à de vários autores que consideram o acesso ao ensino do terceiro grau mais fácil para os alunos dos grupos de rendas mais altas, porque têm:

- i) maior disponibilidade de tempo para estudar;
- ii) freqüência a melhores colégios;
- iii) melhores condições físicas;
- iv) alimentação mais sadia.

Sendo assim os alunos das classes de rendas mais baixas não têm nenhuma condição de se graduar! Poderia alguém argumentar. Não é bem assim, o que se observa no cotidiano, são suas poucas chances e não nenhuma chance. Segundo Moura Castro & Ribeiro²¹, "as classes sociais altas dirigem-se para as instituições gratuitas enquanto às camadas de mais baixa renda resta a alternativa do ensino pago." A isso Alves chama de transferência de renda: "os que não podem estão transferindo via subsídio ao ensino público, para aqueles que podem! Tal fato só pode contribuir para o aumento das desigualdades sociais que de início já existiam"(1:1991).

Mas Guimarães em sua pesquisa procurou também analisar a situação sócio-econômica dos vestibulandos. Para isso escolheu algumas variáveis que explicassem diretamente e indiretamente a realidade econômica deles. Vejamos quais foram²²:

- 1) freqüência a cursinho - e explica "o alto custo direto e indireto que representa o cursinho nos orçamentos familiares, já funciona como um tipo de seleção sócio-econômica dos vestibulandos;"

²⁰ CUPERTINO, Fausto. Educação, um Problema Social. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1978. Apud Guimarães(8:1982) p.27.

²¹ MOURA CASTRO & RIBEIRO. Desigualdade Social e Acesso à Universidade - dilemas e tendências. Apud Guimarães(8:1982) p.30.

²² Nesta pesquisa, o questionário sócio-econômico aplicado pela CCV/UFC para o vestibular 96.1, não consta as perguntas 3,6,7,8 e 9 citadas por Guimarães.

- 2) trabalho do vestibulando - porque "o fato de o vestibulando necessitar trabalhar pode significar, na maioria dos casos, que sua família não tem condições de arcar com as despesas do mesmo;"
- 3) vestibulando possuir veículo;
- 4) nível de instrução do pai;
- 5) nível de instrução da mãe;
- 6) renda mensal familiar;
- 7) número de carros da família;
- 8) posse da casa própria;
- 9) posse de outro imóvel além da casa própria.

Sendo o estudo de Guimarães relativo ao vestibulandos da UFC que se inscreveram para o primeiro exame vestibular de 1975, 1976 e 1981, é por demais proveitoso colocar aqui os resultados das suas observações, uma vez que estamos desenvolvendo uma pesquisa semelhante e para a mesma universidade, só que para um período mais recente.

Frequência a Cursinho. "os dados evidenciaram frequentar cursinho não significa uma maior chance de sucesso no vestibular, uma vez que não há diferença estatística entre o percentual dos inscritos e o percentual dos classificados que frequentaram cursinho"(8:1982).

O Trabalho do Vestibulando. A sua maioria nunca trabalhou, isso entre os inscritos, o que se tornou mais evidente quando ela observou o grupo de classificados. E o mesmo comportamento (maioria entre os inscritos e mais ainda entre os classificados) se apresentou a variável *posse da casa própria pela família*.

A Posse do Carro pela família. "60% das famílias dos inscritos não possuem veículos, 50,15% das famílias dos classificados, em média, possuem um ou mais veículos"²³.

O Nível de Instrução do Pai e o Nível de Instrução da Mãe. "Tanto os pais quanto as mães dos vestibulandos classificados têm níveis de escolaridade superior aos dos pais e das mães dos inscritos"²⁴.

²³ Op cit (8:1982, p.44)

E finalmente a variável *Renda Familiar*. “Os valores mostraram que a distribuição da renda familiar dos vestibulandos classificados é superior à dos vestibulandos inscritos.” E mais, revela Guimarães: “ano a ano, vem diminuindo o percentual de candidatos da faixa mais baixa de renda e que também não só o seu número é proporcionalmente menor, como também são menores suas chances de classificação”²⁵

Feito então esta revisão literária e não querendo ser por demais diferente dos passos dados por esses autores, aqui estão as variáveis escolhidas em caráter preliminar para construir o modelo econométrico²⁶: sexo; idade; tipo de escola do primeiro grau; tipo de escola do segundo grau; turno em que estudou o segundo grau; ano do término do segundo grau; frequência a cursinhos; ocupação do candidato(profissão); participação do candidato na vida econômica da sua família; grau de instrução dos pais; profissão dos pais; remuneração do candidato e dos pais.

²⁴ Ibid p.44

²⁵ Ibid p.45

²⁶ Essas variáveis são correspondentes as seguintes perguntas questionário da CCV/UFC: 1ª; 2ª; 7ª; 11ª; 12ª ; 13ª; 14ª; 20ª; 21ª; 23ª; 30ª; 31ª; 32ª; 33ª; 34ª; e 35ª. (vide anexo II)

Capítulo 3 – EM BUSCA DE UM MODELO EXPLICATIVO: MODELOS COM VARIÁVEIS QUALITATIVAS DEPENDENTES.

Há muitos fenômenos que não são expressos por variáveis contínuas. São, em geral de natureza qualitativa e só podem ser identificados de modo dicotômico, coisa do tipo sim/não, verdade/falso, etc. Um exemplo clássico é a escolha através do voto numa disputa eleitoral entre dois candidatos. Os eleitores escolherão um ou outro candidato, de acordo com suas preferências. Fenômenos como este são bastante comuns na realidade quando o indivíduo vai tomar certa decisão como, por exemplo, na hora de procurar emprego, comprar uma mercadoria, fazer uma viagem, etc. Evidentemente, em alguns casos o problema pode ser de escolha entre mais de duas opções. No entanto, interessa o caso de escolhas tipicamente binárias, pois o estudo que estamos desenvolvendo se enquadra nesta categoria, pois objetivamos calcular a probabilidade de sucesso/fracasso que o estudante tem ao realizar o concurso vestibular. Na verdade, procuramos um modelo para medir a probabilidade de um aluno ser habilitado(ou não) para o curso no qual se inscreveu, de acordo com certos atributos que o caracterizam. Entende-se por habilitado o estudante que alcançou o perfil de nota para ingressar no curso escolhido, mesmo que não tenha ingressado na universidade por falta de vagas.

Os modelos de regressão que envolvem variáveis qualitativas dependentes, cujos valores assumidos são 1(um) ou 0(zero), equivalem aos modelos de determinação da probabilidade de um indivíduo assumir certa preferência²⁷ (ou ter como resultados possíveis) quando está diante de escolhas alternativas(ou resultados alternativos). Na verdade, estes modelos não são como os de regressões convencionais desenvolvidos para variáveis dependentes contínuas, mas resultantes de estimações a partir de construções probabilísticas como:

(6:1990)

$$\text{Prob(ocorra o evento } j) = \text{Prob}(Y = j) = F(\text{efeitos relevantes: parâmetros})$$

²⁷ Há uma vasta literatura sobre a decisão de ingresso na Universidade como um experimento em que um aluno ao escolher um curso(j) está maximizando a função utilidade a ele associada. Isto é, para um aluno i $\text{Prob}(j) = \text{Prob}(U_{ij} \geq U_{ik})$ para qualquer $k \neq j$ (Diaz: 1996).

Para o estudo em pauta os eventos possíveis são: Habilitado ($j = 1$) e Não Habilitado ($j = 0$), isto é, do tipo binomial. Assim, a expressão acima fica:

$$\text{Prob(ocorra o evento Habilitado)} = \text{Prob}(Y = 1)$$

e

$$\text{Prob(ocorra o evento Não Habilitado)} = 1 - \text{Prob}(Y = 1)$$

Como se vê estes modelos requerem que se conheça a função de distribuição de probabilidade para que se possa aplicar os métodos de estimação adequados.

3.1 - MODELOS DE ESCOLHA BINOMIAL

Para a classe de modelos binomiais, o modelo mais simples é o modelo de probabilidade linear, como o que aparece abaixo para o caso de só existir uma variável X (atributo) que explica o resultado Y .

$$Y_i = \alpha + \beta X_i + \varepsilon_i$$

onde Y_i assume os valores 0(zero) ou 1(um) e ε_i é uma variável aleatória independentemente distribuída com média zero, isto é:

$$\varepsilon_i = 1 - \alpha - \beta X_i \quad \text{se} \quad Y_i = 1$$

$$\varepsilon_i = -\alpha - \beta X_i \quad \text{se} \quad Y_i = 0$$

Como só há dois valores possíveis para ε_i , eles devem ocorrer com probabilidades p e $1 - p$. Dado que, por hipótese, a esperança matemática de ε_i é igual a zero, $E(\varepsilon_i) = 0$, tem-se:

$$p(1 - \alpha - \beta X_i) + (1 - p)(-\alpha - \beta X_i) = 0.$$

Então,

$$p = \alpha + \beta X_i$$

$$1 - p = 1 - \alpha - \beta X_i.$$

Para que estes resultados de fato reflitam valores em probabilidade quando estimados, deve-se considerar como $p = 1$, caso o resultado para Y da regressão seja maior do que um e $p = 0$ caso o valor para Y seja negativo. A variância de ε_i não é constante, sendo pois um modelo heterocedástico em que $E(\varepsilon_i^2) = E(Y_i)(1 - E(Y_i))$ (12:1982 e 5:1972). Isto implica que os métodos de estimação devem levar em conta esta restrição econométrica.

Como o modelo linear pode gerar estimativas para Y fora do intervalo fechado (0 - 1), ele perde a qualidade desejada de um modelo probabilístico (6:1990; 12:1982 e 5:1972).

Várias distribuições de probabilidades são sugeridas para superar este problema econométrico. No entanto, dois modelos se destacam pela qualidade estatística e facilidade operacional de estimação. Um deles se baseia na distribuição normal, denominado **Probit**; o outro, tem por base a distribuição de probabilidade logística, denominado **Logit**. Estes modelos produzem resultados muito próximos, sendo difícil encontrar uma justificativa teórica para escolha de um deles (6:1990). Assim, a escolha se dá muito mais por questões de natureza prática. Segundo Greene (6:1990), para valores entre -1,2 e 1,2, as duas distribuições tendem a dar probabilidades similares. Com base nestes argumentos, trabalharemos com o modelo **Probit**, o qual para um vetor coluna de atributos x associado a um vetor coluna de parâmetros β , pode ser expresso como:

$$\begin{aligned} \text{Prob}(Y = 1) &= \int_{-\infty}^{\beta'x} \phi(t) dt. \\ &= \Phi(\beta'x) = \Phi(Z) \end{aligned}$$

Onde $\Phi(Z)$ é a função de probabilidade acumulada. Retomando o caso simples de apenas uma variável explicativa X_i , tem-se $Z_i = \alpha + \beta X_i$, isto é:

$$P_i = \Phi(\alpha + \beta X_i) = \Phi(Z_i)$$

Desta forma o valor de Z_i é dado pela função inversa de $\Phi(Z_i)$, ou seja:

$$Z_i = \Phi^{-1}(P_i) = \alpha + \beta X_i$$

Segundo Pindyck(12:1982, p.282) "We can interpret the probability P_i resulting from the Probit model as an estimate of the conditional probability that an individual will vote yes (or an individual will go to college), given that individual's income is X_i . This is equivalent to the probability that a standard normal variable will be less than or equal to $\alpha + \beta X_i$ ".

3.2 - CONSTRUINDO O MODELO

No primeiro capítulo dispusemos os dados colhidos do questionário da CCV/UFC em tabelas classificadas em indicadores: demográficos; educacionais; sócio-culturais; e econômicos. Utilizando semelhante disposição apresentamos as variáveis selecionadas no capítulo anterior, conforme a tabela XIII.

TABELA XIII: Variáveis escolhidas para a construção do modelo econométrico, classificadas por indicadores.

INDICADORES	VARIÁVEIS	QUESTÕES
Demográficos	Sexo	Q ₁
	Idade	Q ₂
Educacionais	Tipo de escola do 1º grau (pública/privada)	Q ₇
	Tipo de escola do 2º grau (pública/privada)	Q ₁₁
	Turno em que fez o 2º grau	Q ₁₂
	Ano da conclusão do 2º grau	Q ₁₃
	Frequência a cursinho	Q ₁₄
Sócio-culturais	Grau de escolaridade do pai	Q ₃₀
	Grau de escolaridade da mãe	Q ₃₁
Econômicos	Exercício de atividade remunerada pelo vestibulando	Q ₂₀
	Participação do vestibulando na vida econômica de sua família	Q ₂₁
	Profissão do pai	Q ₃₂
	Profissão da mãe	Q ₃₃
	Renda familiar	Q ₂₃ , Q ₃₄ e Q ₃₅

Conforme havíamos dito anteriormente, analisaremos o comportamento dessas variáveis em alguns cursos que foram selecionados a partir da metodologia descrita no apêndice II.

Com base no método da máxima verossimilhança aplicaremos o modelo **Probit**, via programa computacional **TSP**, em cada um dos cursos e para cada grupo de indicadores isoladamente. Essa tática servirá como uma espécie de filtragem, para se chegar a um modelo comum a todos os cursos e que congregue as principais variáveis de cada indicador. O resultado após a execução do **TSP** é o apresentado na tabela XIV.

Da análise da tabela XIV vemos que os indicadores educacionais, sócio-culturais e econômicos tiveram a representação de suas respectivas variáveis na quase totalidade dos cursos aqui estudados. O único curso que não teve variáveis significativas²⁸ em nenhum indicador foi o de Licenciatura em Física noturno.

²⁸ Significantes até 5%.

Em média cada curso apresentou 4 variáveis significativas. No entanto, elas se mostram muito heterogêneas quando comparadas entre os cursos. O que não leva a um denominador comum e satisfatório para a estimação de uma equação única para todos eles.

Sendo assim, partiremos para uma atitude mais objetiva e de conformidade com os dados da tabela XIV. Vejamos: Não incluiremos no modelo as variáveis dos indicadores demográficos, pois, elas se mostraram significativas em menos da metade dos cursos da tabela, além do que, a literatura exposta no capítulo anterior, não é unânime em consagrá-las como variáveis decisórias do vestibular. Afinal de contas a primeira delas desse grupo de indicadores tem influência somente no momento da inscrição, devido a um fator cultural e, a segunda, exerce influência psicológica negativa no vestibulando a medida que sua idade aumenta; as variáveis dos indicadores educacionais e sócio-culturais serão todas aproveitadas para a composição do modelo, porque são significativas na maior parte dos cursos da tabela XIV, como também são relevantes na formação do capital humano, no desenvolvimento cognitivo do vestibulando e exercer sobre o mesmo uma influência estimulativa, conforme vimos no capítulo 2; e, finalmente, dos indicadores econômicos irá fazer parte do modelo somente a variável renda, porque ela se mostrou importante em 6 dos 9 cursos aqui apresentados, bem como, é consagrada pela maioria dos autores como a de maior influência na classificação do vestibulando. A variável correspondente ao exercício de atividade remunerada pelo vestibulando não fará parte do modelo, dado que mostrou-se, nesta análise parcial, significativa somente em dois cursos e também por se tratar de uma variável que neste vestibular em estudo, apresentou expressivos números confirmando que a esmagadora maioria dos vestibulandos não exerce atividades remuneratórias (vide Tabela A-XX, apêndice III), o que leva a conclusão da existência de uma seletividade já na inscrição do vestibular, onde os estudantes trabalhadores, não buscam com frequência disputar o exame vestibular. As variáveis relativas à profissão dos pais foram excluídas por estarem diretamente relacionadas com o grau de instrução dos mesmos e com as suas respectivas remunerações, por conseguinte, ambas já estão presentes

implicitamente no modelo. A incorporação dessas variáveis levaria a uma possível redundância sem muitos resultados, dada sua pouca representatividade nos cursos analisados.

TABELA XIV: Variáveis que se mostraram significativas por grupo de indicadores em cada curso.

CURSOS	INDICADORES			
	Demográficos	Educacionais	Sócio-culturais	Econômicos
Medicina	q ₁	q ₁₂	q ₃₁	q ₂₀ ; q ₃₃ e renda
Odontologia	-	q ₇ e q ₁₄	q ₃₀	renda
Direito(n)	q ₁ e q ₂	q ₇	q ₃₀	-
Eng ^a Civil	-	q ₇	q ₃₀ e q ₃₁	q ₂₀ ; q ₃₂ e renda
Computação	q ₁	q ₁₁ e q ₁₂	q ₃₁	renda
Economia(n)	q ₁	q ₁₃	q ₃₀ e q ₃₁	renda
Física	-	q ₁₂ e q ₁₃	-	q ₃₂ e renda
Lic. Química(n)	-	q ₁₃ e q ₁₄	-	-
Lic. Física(n)	-	-	-	-

Do que foi dito até o momento, chegamos então ao seguinte modelo, o qual será comum a todos os nove cursos em estudo:

$$P(\text{Hab}=1) = \Phi(q_7; q_{11}; q_{12}; q_{13}; q_{14}; q_{30}; q_{31}; \text{renda}) \quad (\text{equação 1})$$

- - + + - + + +

O sinais esperados são justificados a seguir: à dummy $q_7 = 1$, quando o vestibulando houver feito o seu 1º grau todo ou maior parte em escola pública e $q_7 = 0$ para o oposto disso. Dado que o perfil mais frequente do vestibulando habilitado, mostra que ele fez seus estudos básicos em colégios particulares, bem como a literatura confirma a tendência de melhor êxito para esse perfil de candidato, espera-se então que o coeficiente desta variável seja negativo; q_{11} é referente a escola do 2º grau (pública/privada) e adotamos a mesma metodologia vista para a variável dummy anterior ($q_{11} = 1$ pública; $q_{11} = 0$ privada), daí o porquê da expectativa, do seu sinal ser inferior a zero; para $q_{12} = 1$ chamamos o vestibulando que fez o seu 2º grau todo ou maior parte no período diurno e $q_{12} = 0$ o oposto disso. Os dados do questioná-

rio da CCV/UFC revelam que 92% dos habilitados fizeram o 2º grau no período diurno e Whittaker(13:1989) e Guimarães(9:1984) são unânimes em afirmar que os alunos deste período possuem maiores chances de classificação no vestibular. Sendo assim, a expectativa é que esta variável seja positiva; a variável $q_{13} = 1$ atribuímos aos vestibulandos que haviam concluído o seu 2º grau até 3 anos antes do vestibular ora em estudo, ou seja, de 1992 a 1995, e $q_{13} = 0$ para os concludentes de 1991 ou antes²⁹. Os primeiros são 84,50% dos habilitados (vide tabela A-IX, apêndice III), a maioria dos autores concordam em consagrar esse intervalo de tempo (3 anos) como o de maior oportunidade para os vestibulandos entrarem para as universidades. Isso explica o sinal positivo para esta variável; para $q_{14} = 1$ chamamos os vestibulandos que afirmaram não haver frequentado cursinho e $q_{14} = 0$ os que declararam ter feito. A literatura afirma que o cursinho é relevante para o certame, somente a partir de 6 meses de frequência. De fato, o que se observa, neste vestibular em análise, são maiores desempenhos para aqueles candidatos que haviam feito pelo menos um semestre de cursinho, quando comparados com aqueles que afirmaram não ter frequentado nenhum tipo de reforço ou complementação dos estudos dados pelos seus colégios. Por esses motivos esperamos o sinal negativo para essa variável; na variável escolaridade do pai (q_{30}) atribuímos o valor 1 para os vestibulandos com pais de níveis de escolaridade médio ou superior, e o valor zero para os que possuem pais analfabetos ou de baixo nível de instrução (primário ou ginásio). Dos habilitados 63,4% possuem pais com escolaridade média e alta. Castro(3:1976) e Guimarães(8:1982) são defensores da influência positiva desta variável, daí o porquê do sinal positivo acima discriminado; a variável referente a escolaridade da mãe do candidato (q_{31}) tem similar codificação a anterior ($q_{31} = 1$, para escolaridade média e alta; e $q_{31} = 0$, para escolaridade baixa), assim como, semelhante justificativa; finalmente a variável renda (soma das rendas do vestibulando, do seu pai e da sua mãe), ela não foi transformada em variável binária e a esperança do seu sinal positivo se justifica porque ela é considerada, por boa parte do estudiosos, a variável uni-

²⁹ Sobre essa codificação temos uma exceção para o Curso de Economia noturno. Para este curso especificamente $q_{13} = 1$ (para conclusão do 2º grau em 1991 ou antes) e $q_{13} = 0$ (para conclusão do 2º grau depois de 1991). Essa manobra foi o meio encontrado para evitar a iguuldade de colunas na matriz de dados binários, o que nos levaria a um determinante zero.

versal que determina o sucesso (renda alta) ou insucesso (renda baixa) do vestibulando. Outro motivo está nos dados levantados: a renda familiar média mensal dos vestibulandos habilitados foi de 21,93 salários mínimos, enquanto que a dos não habilitados ficou em torno de 19 salários mínimos.

Para esse modelo proposto realizamos o teste de significância global por meio da seguinte fórmula, (6:1990):

$$-2 \ln \lambda \approx \chi_{k-1}^2$$

$$\text{para } \lambda = L_r / L_\alpha$$

$$\text{então, } -2 \ln (L_r / L_\alpha) \approx \chi_{k-1}^2, \text{ onde}$$

L_α o valor da função de máxima verossimilhança quando o modelo é estimado de forma completa.

L_r o valor da função de máxima verossimilhança quando o modelo é estimado fazendo-se a restrição de nulidade para todos os parâmetros do modelo, menos o termo constante.

$k-1$, graus de liberdade, sendo $k=9$ o número de parâmetros do modelo.

3.3 - ESTIMANDO O MODELO PROBIT

Após aplicação do modelo proposto, obtemos a seguinte matriz de coeficientes da equação de cada curso:

TABELA XV: Matriz de coeficientes das variáveis da equação de cada curso.

CURSO	VARIÁVEIS									χ^2	n*
	C	q ₇	q ₁₁	q ₁₂	q ₁₃	q ₁₄	q ₃₀	q ₃₁	Renda		
Medicina	-2,26 (-6,73)	0,20 (1,16)	-0,02 (-0,14)	0,41 (1,29)	0,008 (0,30)	-0,13 (-1,35)	0,14 (1,04)	0,31 (2,20)	0,005 (3,02)	33,22	1.627
Odontologia	-2,24 (-3,94)	-0,64 (-1,85)	0,33 (1,19)	0,52 (1,06)	-0,005 (-0,02)	-0,49 (-3,91)	0,44 (2,31)	0,18 (1,00)	0,001 (0,79)	41,60	1.030
Direito(n)	-1,88 (-7,68)	-0,39 (-2,03)	0,26 (1,50)	0,16 (0,86)	0,11 (0,79)	-0,04 (-0,30)	0,28 (1,82)	0,13 (0,84)	-0,003 (-1,08)	20,40	1.146
Eng ^a Civil	-1,44 (-5,03)	-0,11 (-0,63)	0,12 (0,75)	0,15 (0,75)	-0,07 (-0,34)	0,01 (0,10)	0,27 (1,97)	0,22 (1,56)	0,01 (4,68)	54,98	747
Computação	-3,03 (-4,83)	0,22 (0,94)	-0,45 (-1,81)	0,74 (1,78)	0,73 (1,59)	0,19 (1,12)	0,06 (0,32)	0,24 (1,33)	0,006 (2,07)	34,30	614
Economia(n)	-1,99 (-5,01)	0,75 (2,07)	-0,11 (-0,33)	0,25 (0,79)	-0,65 (-2,28)	0,25 (1,19)	0,44 (1,86)	0,51 (1,99)	0,011 (2,37)	32,02	230
Física	-1,88 (-1,99)	0,03 (0,07)	-0,10 (-0,21)	1,73 (2,24)	-0,62 (-1,24)	0,02 (0,04)	-0,54 (-1,06)	-0,39 (-0,70)	0,10 (2,45)	19,86	57
Lic. Química Noturno	-0,77 (-0,74)	1,01 (1,11)	-0,96 (-1,10)	0,16 (0,28)	-1,54 (-2,64)	1,22 (1,86)	1,88 (2,31)	-0,10 (-0,17)	-0,04 (-1,08)	16,00	42

Alertamos que os números desta coluna são relativos somente aqueles vestibulandos que responderam corretamente todas as questões do questionário sócio-econômico da CCV/UFC, bem como, restringe-se aqueles que se fizeram presentes em todas as fases do concurso. Daí o porquê deles se apresentarem menores do que o verdadeiro número de inscritos por curso, como podemos observar na tabela I do apêndice II.

OBS: valores entre parênteses são referentes a estatística t de student.

O curso de Licenciatura em Física noturno foi excluído da análise por apresentar multicolinearidade perfeita entre suas variáveis. cremos que isso deve ser consequência do pequeno número de observações, poucos vestibulandos, 18 no total. O fato é que não foi possível estimar os coeficientes das variáveis propostas para esse curso.

Da tabela XV construímos a tabela XVI, logo abaixo, que dá uma idéia da margem de segurança do modelo proposto.

TABELA XVI: Teste Qui-quadrado. Margem de segurança do modelo por curso.

CURSO	P	L_R	L_α	χ^2	g.l.
Medicina	0,005	-450,80	-434,19	33,22	8
Odontologia	0,005	-271,22	-250,42	41,6	8
Direito(n)	0,01	-277,31	-267,11	20,40	8
Eng ^a Civil	0,005	-386,72	-359,23	54,98	8
Computação	0,005	-217,85	-200,69	34,30	8
Economia(n)	0,005	-116,46	-100,45	32,02	8
Física	0,025	-39,33	-29,40	19,86	8
Lic. Química(n)	0,05	-25,98	-17,98	16,00	8

Cálculos dos autor. P é o valor em probabilidade.

Dos cursos observados 5 deles tem margem de segurança de 99,5%(Medicina; Odontologia; Economia; Computação; e Eng^a Civil), 1 com 99,0%(Direito), outro com 97,5%(Física) e o último deles com 95,0%.

3.4 - TESTANDO QUATRO HIPÓTESES

O modelo da forma como está constituído permite que possamos observar quatro hipóteses importantes para a decisão do vestibular, são elas: o efeito do tipo de escola frequentada pelo vestibulando durante o 1º e 2º graus; o efeito cursinho; a influência do nível de escolaridade dos pais; e finalmente a influência da renda familiar. Essas hipóteses foram consagradas em vários estudos, mas suas influências sempre foram estudadas isoladamente e não conjuntamente da forma como pretendemos fazer.

A título de esclarecimentos, quando formos verificar cada uma dessas hipóteses, consideraremos os demais fatores constantes e em conformidade com o perfil mais frequente do candidato inscrito no vestibular - doravante chamado de Vestibulando Comum, qual seja:

- Fez seus estudos de 1º grau todo ou maior parte em escola particular ($q_7 = 0$)
- Fez seus estudos de 2º grau todo ou maior parte em escola particular ($q_{11} = 0$)

- Estudou durante o 2º grau todo ou maior parte no período diurno ($q_{12} = 1$)
- Concluiu o 2º grau nos últimos 3 anos antes do vestibular ($q_{13} = 1$)
- Não frequentou cursinho ($q_{14} = 1$)
- Tem pai com científico completo e superior completo ou incompleto ($q_{30} = 1$)
- Tem mãe com científico completo e superior completo ou incompleto ($q_{31} = 1$)
- A renda familiar média é igual a 20 salários mínimos.

Verificando então a primeira hipótese, relativa ao tipo de escola (pública/privada) frequentada pelo candidato durante o ensino fundamental e médio, obtemos os resultados da tabela XVII.

A análise da tabela abaixo, revela que dos cursos postos a prova, em 4 deles (Odontologia; Direito; Computação; e Física) o vestibulando comum teria suas chances de habilitação no vestibular maiores do que aquele aluno oriundo de um 1º e 2º graus feitos em colégio público.

Para o curso de Engenharia Civil os dados mostram ser indiferente fazer os estudos em escola pública ou privada. Já os cursos de Medicina e Licenciatura em Química(n) apresentaram maiores chances de habilitação os estudantes oriundos de escola pública. No entanto, voltando-se para a tabela XV observamos para esses dois cursos a influência positiva do 1º grau em escola pública e do segundo grau em escola privada, sendo maiores os coeficientes da primeira, daí o porquê dos resultados apresentados na tabela XVII.

A surpresa ficou para o curso de Economia noturno que apresentou uma significativa diferença entre os dois objetos da análise (25,10 pontos percentuais). A explicação é semelhante a dada para os dois últimos cursos, mas para Economia a estatística t para a variável ensino fundamental (q_7) é de 2,07 (bem mais significativa, evidenciando o peso do ensino fundamental em estabelecimento público, para este curso), contra 1,16 e 1,11 de Medicina e Lic. em Química (n) - vide tabela XV - isso explica a expressiva diferença observada na tabela abaixo para esse curso.

TABELA XVII: Influência do tipo de escola do 1º e 2º graus.

em %

CURSO	PROB (HAB=1)	
	Público	Privado
Medicina	10,75	7,78
Odontologia	2,94	5,71
Direito(n)	7,64	9,68
Engª Civil	25,78	25,46
Computação	11,90	17,11
Economia(n)	62,55	37,45
Física	59,87	62,55
Lic. Química(n)	53,98	51,99

VARIÁVEIS CONSTANTES: $q_{12} = 1$; $q_{13} = 1$; $q_{14} = 1$; $q_{30} = 1$; $q_{31} = 1$; renda = 20SM.

VARIÁVEIS ANALISADAS: q_7 e q_{11}

Analisando agora o efeito cursinho. Conforme se observa na tabela XVIII, o efeito cursinho se faz sentir nos 3 primeiros cursos, que coincidentemente são os três de maior demanda. Constata-se aqui o que Whitaker já havia salientado em seus estudos, ou seja, maior o gabarito do curso perante a sociedade, maior se faz sentir a influência do cursinho para a habilitação. Vejamos então.

Para Odontologia, Medicina e Direito observa-se o crescimento das chances de habilitação quando o vestibulando faz cursinho (13,79%; 9,85%; e 10,38%, respectivamente, contra 5,71%; 7,78%; e 9,68%). Para o curso de Engenharia Civil, dada a pequena variação, fazer ou não cursinho é indiferente.

E para os demais cursos, fazer cursinho não possibilitou maiores chances e sim o contrário. Os dois primeiros são de médio prestígio e os dois últimos de baixo prestígio - vide tabela I do apêndice II -.

TABELA XVIII: Influência do cursinho.

CURSO	PROB (HAB=1)	
	Não frequentou	Frequentou
Medicina	7,78	9,85
Odontologia	5,71	13,79
Direito(n)	9,68	10,38
Eng ^a Civil	25,46	25,14
Computação	17,11	12,71
Economia(n)	37,45	28,43
Física	62,55	61,79
Lic. Química(n)	51,99	12,10

VARIÁVEIS CONSTANTES: $q_7 = 0$; $q_{11} = 0$; $q_{12} = 1$; $q_{13} = 1$; $q_{30} = 1$; $q_{31} = 1$; renda = 20SM.

VARIÁVEIS ANALISADAS: q_{14}

Das hipóteses até o momento testadas a que veremos a seguir - influência da escolaridade dos pais - se faz sentir positivamente em sete dos cursos estudados, ficando como única exceção o curso de Física onde pais com níveis médio e alto de instrução não contribuem para aumentar a probabilidade de habilitação do vestibulando - vide tabela XIX -.

Os baixos percentuais verificados nos três primeiros cursos quando comparado aos demais, denotam a sua elitização, as suas exigências por um melhor perfil de vestibulando e a sua alta concorrência entre os mesmos.

A medida que passamos para os cursos medianos e para os de pouca demanda - de Engenharia Civil para baixo, na tabela XIX -, vemos as chances de habilitação crescerem de ambos os lados, assim como o diferencial entre o perfil do vestibulando comum e o do objeto em análise. O curso de Licenciatura em Química (n) vem a confirmar as expectativas, ele apresenta o maior diferencial dentre todos (47,81%) - um salto realmente significativo.

TABELA XIX: Influência da escolaridade dos pais.

CURSO	PROB (HAB=1)	
	Escolaridade baixa	Escolaridade média e alta
Medicina	3,07	7,78
Odontologia	1,39	5,71
Direito(n)	4,36	9,68
Eng ^a Civil	12,51	25,46
Computação	10,56	17,11
Economia(n)	10,20	37,45
Física	89,44	62,55
Lic. Química(n)	4,18	51,99

VARIÁVEIS CONSTANTES: $q_7 = 0$; $q_{11} = 0$; $q_{12} = 1$; $q_{13} = 1$; $q_{14} = 1$; renda = 20SM. VARIÁVEIS ANALISADAS: q_{30} e q_{31}

Por fim, analisaremos a hipótese de maior peso de decisão no certame segundo a maioria dos autores.

Na tabela XX temos 4 faixas de renda familiar e as respectivas variações de probabilidades de habilitação dos vestibulandos por curso. Mais uma vez os cursos de elite apresentam baixos percentuais (Medicina; Odontologia; e Direito), confirmando o que havíamos dito ainda a pouco sobre as exigências desses cursos. Dentre eles aparece uma exceção, o curso de Direito, onde como podemos ver na referida tabela, a renda familiar influencia negativamente, embora em pequenas variações (para uma renda familiar de 10 SM e de 26 SM temos: 10,20% e 9,34% respectivamente. Uma variação de renda da ordem de 160% para uma variação de probabilidade da ordem de -9,21%. Provavelmente, isso tenha ocorrido ocasionalmente neste vestibular de 96.1. Necessário seria observar outros períodos para confirmar ou não a tendência desta variável no curso).

Nos cursos de demanda mediana os percentuais aumentam e em todos eles a variável ora analisada confirma as expectativas de aumentar as chances de habilitação a medida que a renda cresce. O destaque fica para o curso de Economia noturno que apresentou índices altos em todas as faixas de rendas da tabela e é ele que dos três cursos possui o maior diferencial entre as rendas extremas (6,77 pontos percentuais).

Nos dois últimos cursos da tabela XX, a renda tem influência positiva e significativa para o curso de Física e, para o curso de Licenciatura em Química (n), esta variável tem o mesmo comportamento verificado para o curso de Direito, sendo que em Química o diferencial é maior, revelando assim que a renda familiar não é relevante para decidir uma vaga neste curso.

TABELA XX: Influência da renda familiar.

CURSO	PROB (HAB=1)				em %
	10 SM	14 SM	20 SM	26 SM	
Medicina	7,08	7,35	7,78	8,23	
Odontologia	5,59	5,71	5,71	5,82	
Direito(n)	10,20	10,03	9,68	9,34	
Eng ^a Civil	22,36	23,58	25,46	27,43	
Computação	15,62	16,11	17,11	18,14	
Economia(n)	33,36	34,83	37,45	40,13	
Física	24,82	38,97	62,55	82,12	
Lic. Química(n)	67,36	61,41	51,99	42,47	

VARIÁVEIS CONSTANTES: $q_7 = 0$; $q_{11} = 0$; $q_{12} = 1$; $q_{13} = 1$; $q_{14} = 1$; $q_{30} = 1$; $q_{31} = 1$.

VARIÁVEL ANALISADA: renda

Os testes dessas hipóteses ora se mostraram de acordo com as expectativas e condizentes com a literatura ora se mostraram contraditórios aos mesmos. No entanto vale ressaltar que realizamos os testes, buscando verificar cada uma das hipóteses individualmente.

A tabela XXI está consolidando as hipóteses de maior efeito³⁰ nos cursos estudados. Procuramos evidenciar na referida tabela a influência em cascata das mesmas em cada curso.

Os resultados confirmam o esperado, bem como os resultados das pesquisas anteriores a esta, em todos os cursos. Vejamos: o vestibulando comum³¹ tem para o curso de Medicina 7,78% de probabilidade de ser habilitado. Se sua renda familiar mensal cair em 50% (ir para 10 salários mínimos - SM) sua probabilidade passa a ser de 7,08%. Somando-se ao efeito renda o efeito escolaridade dos pais, ou seja, sendo o seu perfil agora com uma renda familiar mensal de 10 SM e pais de escolaridade inferior ao nível médio de instrução, sua probabilidade cai mais ainda, sendo nesta situação de 2,74%. Se adicionarmos a esses dois efeitos, o fato do candidato ter realizado os seus estudos de 2º grau em escola pública, mais uma vez teremos um decréscimo na sua probabilidade de habilitação, passando a mesma a ser de 2,62%.

³⁰ O efeito cursinho não foi incluído na Tabela XXI por ter apresentado resultados significantes somente nos cursos mais cobiçados pelos vestibulandos (Medicina, Odontologia e Direito)

Fazendo o mesmo exercício para o curso de Licenciatura em Química noturno, observamos a alta probabilidade de sucesso do vestibulando comum. A renda familiar mensal, por não ser importante para este curso, após diminuir para 10 salários mínimos, aumenta as chances de habilitação do candidato, no entanto, quando o indicador sócio-cultural diminui ocorre uma brusca queda na probabilidade e se somarmos a esses dois efeitos anteriores o fato do vestibulando ter feito o seu 2º grau em escola pública, suas chances caem mais um pouco de modo que, se tivéssemos dois indivíduos concorrendo a uma vaga para este curso, um com perfil dado pela primeira coluna e o outro com o da última, o primeiro concorrente teria 49,99 vezes mais chances do que o segundo. Uma situação que expõe claramente as desigualdades entre os candidatos e a ocorrência de uma não seleção intelectual pelo sistema seletivo dos vestibulares das instituições de ensino superior.

Como podemos ver, da Tabela XXI podemos extrair algo mais além do que as variações probabilísticas. Voltemos aos candidatos que se enquadram na sua última coluna. Quem são esses oriundos de um 1º grau ou 2º grau feito em escola pública? Quem são esses que possuem pais com escolaridade baixa e renda familiar mensal de aproximadamente R\$ 1.000,00. Eles são os jovens da classe menos privilegiada da sociedade, como diria Alves (1:1991), são aqueles que irão tentar a sorte em uma universidade particular, pois dificilmente entrarão na universidade pública - evidenciando uma grande contradição: os que podem pagar seus estudos estão na universidade gratuita e os que não podem estão se sacrificando para conquistar o seu diploma na instituição paga.

³¹ Lembramos que o perfil do vestibulando comum está no início do item 3.4.

TABELA XXI: O efeito cascata de 3 condicionantes.

CURSO	PROB (HAB=1)			
	Vestibulando comum	Renda baixa (10 SM)	Escolaridade dos pais baixa	Ensino público
Medicina	7,78	7,08	2,74	2,62**
Odontologia	5,71	5,59	1,39	0,23*
Direito(n)	9,68	10,20	4,75	1,97*
Eng ^a . Civil	25,46	22,36	10,56	8,69*
Computação	17,11	15,62	9,51	3,92**
Economia(n)	37,45	33,36	8,38	6,81**
Física	62,55	24,82	61,03	57,14**
Lic. Química(n)	51,99	67,36	8,85	1,04**

* Somente o 1º grau em escola pública

** Somente o 2º grau em escola pública.

Poderia alguém indagar, a título de invalidar o que afirmamos acima: mas na UFC temos também alunos pobres frequentado seus cursos.

Sim, temos. E eles se concentram justamente naqueles cursos onde suas chances de habilitação são altas, mas poucos são os cursos³² que lhes dão esta oportunidade, como também são reduzidas suas vagas. O que equivale a dizer que na UFC há alunos carentes, mas eles são minorias de um número restrito de cursos. O que fica claro então, é que os cursos dessa Universidade são formados, em sua maior parte, por discentes das classes média e alta, salvo algumas exceções.

Portanto, voltando-se para as variáveis chaves do vestibular, vimos que o efeito cascata de cada um desses condicionantes se faz sentir. Isso vem a consolidar e a garantir a consistência do modelo proposto. No entanto, ele poderá ser aprimorado ou rearranjado por meio de uma observação que contemple uma maior série temporal de vestibulares e um maior número de cursos.

³² desta nossa amostra, somente o curso de Física apresentou na tabela XXI elevado índice de probabilidade para este perfil de aluno.

CONCLUSÃO

Expomos, nesta monografia, o perfil sócio-econômico dos vestibulandos inscritos no vestibular 96.1 da Universidade Federal do Ceará. Também construímos, uma equação linear, composta pelas principais variáveis explicativas do sucesso do candidato no vestibular, que permite mensurar a probabilidade de habilitação, de um determinado padrão de vestibulando, no curso por ele escolhido.

De início, dividimos os vestibulandos em inscritos, habilitados e não habilitados, e para cada um desses traçamos o seu perfil mais frequente a fim de realizar comparações percentuais entre suas características(indicadores) demográficas, educacionais, sócio-culturais e econômicas. Os resultados dessa primeira parte do trabalho foram muito ricos em dados e capazes de proporcionar diferentes análises e interpretações, mas não suficientes para observarmos os efeitos conjuntos das variáveis que influenciam no sucesso ou insucesso do candidato durante o certame.

Em um segundo momento, passamos revista em alguns trabalhos, semelhantes a este, realizados em outras instituições. A intenção foi de conjugar as diversas opiniões a respeito do que realmente contribuía para o êxito dos candidatos nos concursos vestibulares. A literatura em geral dá como importantes as seguintes variáveis: renda familiar; escolaridade e profissão dos pais; o tipo de escola frequentada (pública/privada) pelo vestibulando durante a preparação dos seus 1º e 2º graus; a frequência a cursinhos; o exercício de atividade remunerada pelo vestibulando; o turno em que ele cursou o 2º grau; o ano do término do 2º grau; o sexo; e a idade.

De posse dessas variáveis ditas significantes pela maioria dos autores pesquisados, partimos para a estimação do modelo. Antes porém fizemos um rápido estudo acerca de

modelos estatísticos com variáveis qualitativas dependentes binomial, sendo o escolhido para este trabalho o modelo **PROBIT**.

Feita a escolha do modelo e tendo já o conhecimento das variáveis consagradas pela literatura, partimos para uma primeira estimação, a qual chamamos de estimação parcial, que consistiu em extrair de cada indicador, isoladamente, aquelas variáveis significativas até 5%, ou seja, com t de student igual ou maior que 1,96. O resultado foi este: Educacionais (as variáveis significativas foram: formação do 1º e 2º grau; o turno do 2º grau; o ano do término do 2º grau; e a frequência a cursinhos pelo candidato); Sócio-Culturais (a variável significativa foi: a escolaridade dos pais); e Econômicos (sendo significativa a renda familiar mensal).

Realizada essa filtragem de variáveis, obtemos a equação 1 do item 3.2 e estimamos os seus coeficientes para cada um dos cursos aqui estudados. Em seguida, testamos quatro hipóteses que, segundo a literatura, proporcionam ao vestibulando maiores chances de habilitação, quais sejam: frequentar escola particular durante o 1º e 2º graus; frequentar cursinhos; ter pais com pelo menos o nível médio de escolaridade; ter uma boa renda familiar mensal³³.

Verificadas individualmente cada uma das hipóteses acima mencionadas, observamos suas evidências em boa parte dos cursos analisados, ou seja, foram confirmadas as maiores chances de habilitação dos alunos oriundos das classes média e alta, pois são justamente estes quem possuem esse perfil estipulado pelas hipóteses.

Vale ressaltar, dentre as hipóteses verificadas, a que mais influência exerceu sobre a probabilidade de habilitação dos vestibulando: a boa escolaridade dos pais. De fato, o ambiente cultural da família é o *loci* onde o indivíduo passa a maior parte do seu desenvolvimento infantil e juvenil – 61,5% dos inscritos neste vestibular, responderam que em suas horas de

³³ Segundo o DIEESE, a renda familiar mensal mínima para uma família de quatro membros adultos, seria de 15 salários mínimos, aproximadamente.

lazer gastam mais tempo em casa (vide tabela A-XXVIII do apêndice III) - daí o seu forte peso na formação do capital cultural do vestibulando.

Por fim, verificamos as mesmas hipótese em efeito cascata. Não mais isoladas, mas o efeito de uma após a incidência da outra. Isso para observarmos as variações das probabilidades de habilitação de forma mais condizente com a realidade, uma vez que esses fatores condicionantes atuam conjuntamente.

Então assim o fizemos: começando pelo perfil do vestibulando comum, depois diminuindo sua renda em 50%, em seguida considerando baixa a escolaridade dos seus pais e finalmente supondo que o vestibulando frequentou escola pública, obtemos as probabilidades da Tabela XXI.

Os números dessa tabela são claros e corroboram satisfatoriamente com o conhecimento subjetivo de todos os estudos já realizados, os quais tivemos a oportunidade de revisar. Fica pois, sedimentada a equação proposta e mais ainda a influência determinante das variáveis que consideramos em sua composição, com especial destaque para as referentes a escolarização dos pais(indicador sócio-cultural) que apresentaram expressivas variações nas probabilidades de habilitação quando de suas manipulações.

Apêndice I

Metodologia para diferenciar habilitado de não habilitado.

O estudo em pauta divide os inscritos no vestibular 96.1 da UFC em dois grandes blocos de qualificação, os habilitados e os não habilitados. Chamaremos de habilitados àqueles que conquistaram uma vaga no curso pretendido e também os que não conquistaram uma vaga por conta dos limites das mesmas imposta por cada curso, estes são popularmente conhecidos como classificáveis.

O segundo bloco - não habilitados - será composto pelos candidatos que obtiveram nota zero na primeira e segunda etapas do concurso vestibular e também pelos que não atingiram o perfil mínimo necessário³⁴ na primeira e segunda etapas do certame.

Não participam desta pesquisa todos os inscritos que deixaram de comparecer a qualquer uma das provas para o curso de sua opção³⁵.

Ainda no segundo bloco, temos os candidatos que ficaram acima do perfil mínimo necessário mas abaixo do perfil estabelecido pelos participantes³⁶, ficando portanto, fora da segunda etapa do vestibular.

³⁴ A resolução nº 27/CEPE, de 18 de setembro de 1995, estabelece em seu Art. 8º, itens b e c, o seguinte:

Art 8º - O candidato será eliminado se ...

b) obtiver, em qualquer prova, da Primeira Etapa, resultado inferior a 20% do seu valor.

c) obtiver, em qualquer disciplina da Segunda Etapa, inclusive na Redação, resultado inferior a 20% do seu valor.

³⁵ No total foram 66 inscritos que faltaram às provas.

³⁶ Entendemos por perfil estabelecido pelos participantes, ao score do último candidato classificado para segunda etapa por cada curso.

O Edital nº 02/95 da CCV/UFC no item 3.1 assim estabelece: "Será classificado para as provas da Segunda Etapa um número de candidatos correspondente ao dobro do total de vagas oferecidas para cada curso, na ordem decrescente da soma dos pontos padronizados obtidos na Primeira Etapa.

Ocorrendo empate na última colocação, todos os candidatos empatados serão convocados para a Segunda Etapa."

Teoricamente, todos os candidatos inscritos poderiam passar para a segunda etapa, bastando para isso que obtivessem igual ou maior número de pontos padronizados em relação ao último colocado por curso da Primeira.

Daí, portanto, incluímos no grupo de não habilitados, os inscritos que não conseguiram esse êxito.

Apêndice II

Metodologia para a escolha dos cursos.

Em sua dissertação de mestrado a prof^a. Teresa Guimarães optou pelo critério dos cursos de maiores perfis médios classificatórios no vestibular. Sua intenção era trabalhar com os cursos nobres pressupondo que os maiores perfis médios selecionaria, ou revelaria a classe de alunos privilegiada da sociedade, e por tabela, na educação secundária.

Já a Prof^a. Dulce Whitaker, trabalhou com o critério de maior e menor concorrência (relação candidato/vaga) de cada curso por área³⁷.

Como a intenção deste estudo é selecionar os cursos onde as variáveis escolhidas terão maior ou menor relevância para se obter a habilitação do candidato, optaremos pelo seguinte método seletivo:

Com base nos dados dos últimos vestibulares da UFC³⁸, somaremos o número de inscritos por curso e, posteriormente, escolheremos os três cursos com maior número de inscritos, com menor número de inscritos e com número intermediário(médio) de inscritos.

Os cursos obtidos segundo esta metodologia foram: Medicina; Odontologia; Direito noturno; Engenharia Civil; Computação; Ciências Econômicas noturno; Física; Licenciatura em Química noturno; e Licenciatura em Física noturno.

³⁷ Em sua pesquisa, Whitaker, dividiu os cursos em três áreas: Ciências Biológicas; Ciências Exatas; e Ciências Humanas.

³⁸ Dados referentes ao número de candidatos por curso nos vestibulares de 95.1, 95.2, 96.1 e 96.2 - vide tabela próxima página.

TABELA I - QUANTITATIVO DE CANDIDATOS INSCRITOS POR CURSOS NOS VESTIBULARES 95.1, 95.2, 96.1 E 96.2.

CURSO	Nº Candidatos				TOTAL
	95.1	95.2	96.1	96.2	
Medicina	1.949	1.702	1.771	1.786	7.208
Direito (noturno)	1.083	765	1.240	1.175	4.263
Odontologia	1.104	788	1.062	910	3.864
Direito (diurno)	1.012	709	1.298	756	3.775
Administ. de Empresas	670	573	741	818	2.802
Psicologia	704	512	870	621	2.707
Farmácia	665	552	691	793	2.701
Letras	394	360	561	651	1.966
Comunicação Social	500	334	577	528	1.939
Enfermagem	460	387	583	504	1.934
Ciênc. Contábeis (diurno)	368	373	380	452	1.573
Ciênc. Contábeis (not.)	367	323	383	473	1.546
Engenharia Civil	650	-	788	-	1.438
Ciênc. Econômica (not.)	237	311	250	436	1.234
Computação	549	-	664	-	1.213
Agronomia	298	280	287	329	1.194
Ciênc. Econômicas (diurno)	228	208	269	329	1.034
Ciências Biológicas	193	187	287	254	921
Engenharia Elétrica	401	-	451	-	852
Pedagogia (noturno)	-	291	-	561	852
História	140	149	175	214	678
Arquitetura e Urbanismo	166	161	142	200	669
Pedagogia (diurno)	330	-	336	-	666
Engenharia Mecânica	279	-	365	-	644
Educação Física	264	-	340	-	604
Engenharia de Pesca	124	115	154	183	576
Engenharia de Alimentos	98	87	137	224	546
Ciências Sociais	267	-	248	-	515
Matemática	53	163	56	187	459
Química Industrial	68	129	78	170	445
Geografia	69	60	126	133	388
Ciênc. Atuariais (not.)	198	-	159	-	357
Secretariado (not.)	-	180	-	163	343
Biblioteconomia	59	60	98	125	342
Estilismo e Moda	162	-	162	-	324
Engenharia Química	133	-	174	-	307
Economia Doméstica	73	62	68	100	303
Estatística	58	60	58	119	295
Química	40	56	40	98	234
Lic. Em Matemática (not.)	17	48	54	93	212
Geologia	51	38	30	67	186
Física	67	-	63	-	130
Lic. Em Química (not.)	20	17	46	45	128
Lic. Em Física (not.)	25	-	23	-	48

FORNE DE DADOS: PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO DA UFC.

Apêndice III

Apresentamos neste apêndice, o questionário sócio-econômico da CCV/UFC, em números percentuais, aplicado aos candidatos no primeiro vestibular de 1996 da Universidade Federal do Ceará.

Os dados foram extraídos de um banco de dados fornecido pela Comissão Coordenadora do Vestibular da citada Universidade e são de inteira responsabilidade do autor.

TABELA A-I O número dos vestibulandos por sexo.

	Inscritos	%	Habilitados	%	N Habilitados	%
masculino	7.296	45,0	1.284	59,6	6.012	42,7
feminino	8.923	55,0	871	40,4	8.052	57,3
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-II A idade do vestibulando em 31 de dezembro de 1995.

Idade (anos)	Inscritos	%	Habilitados	%	N Habilitados	%
menos de 16	3	0,0	0	0,0	3	0,0
16	250	1,5	54	2,5	196	1,4
17	3039	18,7	519	24,1	2520	17,9
18	3792	23,4	556	25,8	3236	23,0
19	2551	15,7	311	14,4	2240	15,9
20	1734	10,7	208	9,7	1526	10,9
21	1049	6,5	112	5,2	937	6,7
22	710	4,4	75	3,5	635	4,5
23	511	3,2	67	3,1	444	3,2
24	393	2,4	61	2,8	332	2,4
25 a 30	1022	6,3	104	4,8	918	6,5
30 a 35	424	2,6	35	1,6	389	2,8
mais de 35	303	1,9	20	0,9	283	2,0
NR	334	2,1	22	1,0	312	2,2
REr	104	0,6	11	0,5	93	0,7
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-III Origem da família do vestibulando.

Estado	Inscritos	%	Habilitados	%	N Habilitados	%
Ceará	14970	92,3	2029	94,2	12.941	92,0
Piauí	327	2,0	58	2,7	269	1,9
R. G. do Nort	64	0,4	11	0,5	53	0,4
Amapá	44	0,3	5	0,2	39	0,3
Bahia	32	0,2	4	0,2	28	0,2
São Paulo	36	0,2	7	0,3	29	0,2
Maranhão	122	0,8	9	0,4	113	0,8
Acre	71	0,4	6	0,3	65	0,5
Outros	251	1,5	26	1,2	225	1,6
NR	295	1,8	0	0,0	295	2,1
REr.	7	0,0	0	0,0	7	0,0
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-IV Sua residência localiza-se.

	Inscritos	%	Habilitados	%	N Habilitados	%
na Capital:	14.579	89,9	2.011	93,3	12.568	89,4
no Interior	1.251	7,7	114	5,3	1.137	8,1
NR	322	2,0	22	1,0	300	2,1
REr.	67	0,4	8	0,4	59	0,4
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-V O estado civil do vestibulando.

	Inscritos	%	Habilitados	%	Ñ Habilitados	%
solteiro	14.820	91,4	2.014	93,5	12.806	91,1
casado ou unido consensualmente	934	5,8	108	5,0	826	5,9
viúvo/separado/divorciado	133	0,8	10	0,5	123	0,9
NR	314	1,9	22	1,0	292	2,1
REr	18	0,1	1	0,0	17	0,1
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-VI O tipo de curso de 1º Grau (ou equivalente) feito pelo vestibulando.

	Inscritos	%	Habilitados	%	Ñ Habilitados	%
Atual ensino de 1º Grau	14.683	90,5	2.027	94,1	12.656	90,0
Antigo ginásio secundário	838	5,2	74	3,4	764	5,4
Antigo ginásio profissional	228	1,4	18	0,8	210	1,5
Supletivo ou madureza	107	0,7	11	0,5	96	0,7
NR	339	2,1	24	1,1	315	2,2
REr	24	0,1	1	0,0	23	0,2
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-VII O seu tipo de estudos de 1º Grau.

	Inscritos	%	Habilitados	%	Ñ Habilitados	%
todo em escola pública	2.508	15,5	219	10,2	2289	16,3
todo em escola particular	10.017	61,8	1.524	70,7	8.493	60,4
maior parte em escola pública	1.310	8,1	140	6,5	1170	8,3
maior parte em escola particular	1.849	11,4	226	10,5	1623	11,5
escolas comunitárias	109	0,7	14	0,6	95	0,7
supletivo ou madureza	77	0,5	10	0,5	67	0,5
NR	318	2,0	22	1,0	296	2,1
REr	31	0,2	0	0,0	31	0,2
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-VIII A Unidade da Federação em que o vestibulando concluiu ou concluiria o seu curso de 2º Grau(ou equivalente).

Estado	Inscritos	%	Habilitados	%	Nº Habilitados	%
Ceará	14.510	89,5	1.984	92,1	12.526	89,1
Piauí	221	1,4	29	1,3	192	1,4
Alagoas	224	1,4	21	1,0	203	1,4
Bahia	48	0,3	9	0,4	39	0,3
R.G. Norte	67	0,4	10	0,5	57	0,4
Amapá	92	0,6	8	0,4	84	0,6
Exterior	51	0,3	14	0,6	37	0,3
Outros	583	3,6	49	2,3	534	3,8
REr	78	0,5	6	0,3	72	0,5
NR	345	2,1	25	1,2	320	2,3
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-IX Ano de conclusão do curso de 2º Grau (ou equivalente).

ANO	Inscritos	%	Habilitados	%	Nº Habilitados	%
1995	7.938	48,9	1.004	46,6	6.934	49,3
1994	3.168	19,5	482	22,4	2.686	19,1
1993	1.443	8,9	221	10,3	1.222	8,7
1992	804	5,0	113	5,2	691	4,9
1991	489	3,0	58	2,7	431	3,1
1990	331	2,0	54	2,5	277	2,0
1989 ou antes	1.433	8,8	161	7,5	1.272	9,0
NR	210	1,3	32	1,5	178	1,3
REr	403	2,5	30	1,4	373	2,7
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELAS A-X Distribuição dos vestibulandos por estabelecimento de ensino onde ele concluiu o ensino médio.

TABELA A-X.1 Dados agregados.

	Inscritos	%	Habilitados	%	Ñ Habilitados	%
Outros Estabelecimentos	3.545	21,9	308	14,3	3.237	23,0
Supletivo de 2º Grau	175	1,1	28	1,3	147	1,0
Estabelecimentos públicos	2.078	12,8	243	11,3	1.835	13,0
Estabelecimentos privados	10.033	61,9	1.545	71,7	8.488	60,4
REr.	28	0,2	1	0,0	27	0,2
NR	360	2,2	30	1,4	330	2,3
TOTAL GERAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-X.2 Dados referentes aos estabelecimentos públicos.

Estabelecimentos públicos	Inscritos	%	Habilitados	%HPub	Ñ Habilitados	%ñHPub
Esc. Tec. Fed. Ceará	345	16,6	120	49,4	225	12,3
C.Est. Liceu do Ceará	474	22,8	36	14,8	438	23,9
Esc. Otávio Terc. Farias	89	4,3	16	6,6	73	4,0
C. Militar de Fortaleza	81	3,9	15	6,2	66	3,6
C.Est.Joaquim Nogueira	244	11,7	10	4,1	234	12,8
C.Est.Presid. Cast. Br.	186	9,0	10	4,1	176	9,6
C.Est.Justiniano Serpa	239	11,5	9	3,7	230	12,5
C. Munic. Filg. Lima	133	6,4	8	3,3	125	6,8
Esc. Aduino Bezerra	121	5,8	8	3,3	113	6,2
Inst. de Educ. Ceará	43	2,1	6	2,5	37	2,0
Esc. de 2º Grau Marvin	56	2,7	3	1,2	53	2,9
Esc. Joaquim Albano	49	2,4	2	0,8	47	2,6
C. Est. Paulo VI	1	0,0	0	0,0	1	0,1
C. Jenny Gomes	17	0,8	0	0,0	17	0,9
SUB-TOTAL	2.078	100,0	243	100,0	1.835	100,0

TABELA A-X.3 Dados referentes aos estabelecimentos privados.

Estabelecimentos privados	Inscritos	%	Habilitados	%HPriv	Não Habilitado	%ñHPriv
Org. Farias Brito	1.681	16,8	280	18,1	1401	16,5
Colégio 7 de Setembro	705	7,0	222	14,4	483	5,7
Colégio Christus	1.068	10,6	220	14,2	848	10,0
Colégio Geo Stúdio	1.357	13,5	195	12,6	1162	13,7
Colégio Cearense	663	6,6	109	7,1	554	6,5
Colégio Batista	398	4,0	76	4,9	322	3,8
Colégio Positivo	538	5,4	57	3,7	481	5,7
Colégio Lourenço Filho	347	3,5	38	2,5	309	3,6
Colégio Santa Cecília	167	1,7	32	2,1	135	1,6
Colégio Capital	158	1,6	29	1,9	129	1,5
Colégio Padrão	212	2,1	27	1,7	185	2,2
C. N.S. das Graças	133	1,3	24	1,6	109	1,3
C. Ir. M ^a . Montenegro	78	0,8	21	1,4	57	0,7
Colégio Santo Inácio	199	2,0	19	1,2	180	2,1
Colégio Rui Barbosa	185	1,8	18	1,2	167	2,0
C. E. João Pontes	180	1,8	16	1,0	164	1,9
Colégio Integral	204	2,0	16	1,0	188	2,2
C. Imaculada Conceiç.	86	0,9	15	1,0	71	0,8
C. E. Júlia Jorge	229	2,3	12	0,8	217	2,6
C. Juvenal de Carvalho	100	1,0	12	0,8	88	1,0
Colégio Redentorista	94	0,9	11	0,7	83	1,0
Colégio Equipe	187	1,9	10	0,6	177	2,1
C. Gal. Osório	86	0,9	9	0,6	77	0,9
C. Raquel de Queiroz	112	1,1	7	0,5	105	1,2
Colégio Tiradentes	138	1,4	7	0,5	131	1,5
C. Deoclécio Ferro	38	0,4	6	0,4	32	0,4
Colégio Champagnat	61	0,6	6	0,4	55	0,6
Colégio Objetivo	53	0,5	6	0,4	47	0,6
C. N.S. de Lourdes	27	0,3	5	0,3	22	0,3
SUB-TOTAL	9.484	94,5	1.505	97,4	7.979	94,0

TABELA A-X.3 Dados referentes aos estabelecimentos privados. (continuação)

Estabelecimentos privados	Inscritos	%	Habilitados	%HPriv	Não Habilitado	%ñHPriv
C. Santo Tomás Aquino	57	0,6	5	0,3	52	0,6
Colégio Anchieta	97	1,0	5	0,3	92	1,1
Colégio Sistema	65	0,6	5	0,3	60	0,7
Colégio Águia	9	0,1	4	0,3	5	0,1
C. Oliveira Paiva	52	0,5	3	0,2	49	0,6
C. Capistrano de Abreu	25	0,2	3	0,2	22	0,3
Colégio Brasil	28	0,3	3	0,2	25	0,3
E. Tec. Comercio Ceará	3	0,0	3	0,2		0,0
Colégio São José	49	0,5	2	0,1	47	0,6
C. Agapinto dos Santos	24	0,2	1	0,1	23	0,3
C. Gregório Mendel	11	0,1	1	0,1	10	0,1
C. Mons. Jovin. Barreto	12	0,1	1	0,1	11	0,1
C.E.M. Joviniano Barreto	21	0,2	1	0,1	20	0,2
C.N.S. Sagrado Coraç.	9	0,1	1	0,1	8	0,1
Colégio Juventus	37	0,4	1	0,1	36	0,4
Colégio Pedro I	27	0,3	1	0,1	26	0,3
C. Castro Alves	3	0,0	0	0,0	3	0,0
Esc. P. S. Dom Bosco	20	0,2	0	0,0	20	0,2
SUB-TOTAL	10.033	100,0	1.545	100,0	8.488	100,0

TABELA A-XI O tipo de curso de 2º Grau (ou equivalente) feito pelo vestibulando.

	Inscritos	%	Habilitados	%	Ñ Habilitados	%
Curso de 2º Grau atual:						
profissionalização na área agrícola	174	1,1	16	0,7	158	1,1
profissionalização na área industrial	428	2,6	135	6,3	293	2,1
profissionalização na área comercial / serviços	1.029	6,3	80	3,7	949	6,7
profissionalização na área de saúde	330	2,0	18	0,8	312	2,2
profissionalização na área de magistério(normal)	590	3,6	47	2,2	543	3,9
sem profissionalização	9.750	60,1	1.493	69,3	8.257	58,7
Antigo curso médio:						
colégio secundário (científico ou clássico)	3.194	19,7	299	13,9	2895	20,6
colégio técnico (agrícola, industrial, comercial, enfermagem e outros)	146	0,9	15	0,7	131	0,9
supletivo de 2º Grau	174	1,1	24	1,1	150	1,1
REr.	29	0,2	2	0,1	27	0,2
NR	375	2,3	26	1,2	349	2,5
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-XII O vestibulando fez seus estudos de 2º Grau.

	Inscritos	%	Habilitados	%	Ñ Habilitados	%
todo em escola pública	2.997	18,5	313	14,5	2.684	19,1
todo em escola particular	10.909	67,3	1.601	74,3	9.308	66,2
maior parte em escola pública	870	5,4	97	4,5	773	5,5
maior parte em escola particular	961	5,9	99	4,6	862	6,1
supletivo ou madureza	124	0,8	20	0,9	104	0,7
REr.	30	0,2	3	0,1	27	0,2
NR	328	2,0	22	1,0	306	2,2
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-XIII Turno em que fez seu curso de 2º Grau (ou equivalente).

Turno	Inscritos	%	Habilitados	%	Ñ Habilitados	%
todo diurno	12.074	74,4	1666	77,3	10.408	74,0
todo noturno	1.166	7,2	62	2,9	1.104	7,8
maior parte no turno diurno	1.928	11,9	316	14,7	1.612	11,5
maior parte no turno noturno	684	4,2	83	3,9	601	4,3
REr.	41	0,3	6	0,3	35	0,2
NR	326	2,0	22	1,0	304	2,2
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-XIV O vestibulando frequentou cursinho (sim/não).

	Inscritos	%	Habilitados	%	Ñ Habilitados	%
não	9.505	58,6	1.216	56,4	8.289	58,9
sim, por menos de um semestre	1.207	7,4	151	7,0	1.056	7,5
sim, por um semestre	2.932	18,1	412	19,1	2.520	17,9
sim, por um ano	1.696	10,5	285	13,2	1.411	10,0
sim, por mais de um ano	504	3,1	62	2,9	442	3,1
REr.	49	0,3	7	0,3	42	0,3
NR	326	2,0	22	1,0	304	2,2
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-XV Razão por que não frequentou cursinho:

	Inscritos	%	Habilitados	%	Ñ Habilitados	%
meu colégio já oferece pré-vestibular integrado	3.303	20,4	498	23,1	2.805	19,9
não tenho de tempo p/ colégio e cursinho simultaneamente	951	5,9	105	4,9	846	6,0
o ensino do meu colégio é suficiente	1.436	8,9	219	10,2	1.217	8,7
achei que podia estudar sozinho	937	5,8	138	6,4	799	5,7
falta de condições financeiras	1.849	11,4	156	7,2	1.693	12,0
outra razão	1.000	6,2	94	4,4	906	6,4
REr.	6.397	39,4	918	42,6	5.479	39,0
NR	346	2,1	27	1,3	319	2,3
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-XVI Número de vezes que o candidato prestou vestibular.

	Inscritos	%	Habilitados	%	Nº Habilitados	%
nenhuma vez	8.344	51,4	966	44,8	7.378	52,5
uma vez	1.773	10,9	251	11,6	1.522	10,8
duas vezes	3.122	19,2	526	24,4	2.596	18,5
três vezes	1.149	7,1	169	7,8	980	7,0
quatro vezes	830	5,1	131	6,1	699	5,0
cinco vezes ou mais	668	4,1	88	4,1	580	4,1
	REr.	11	2	0,1	9	0,1
	NR	322	22	1,0	300	2,1
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-XVII Referente ao ingresso do vestibulando em algum curso de nível superior.

	Inscritos	%	Habilitados	%	Nº Habilitados	%
não	13.383	82,5	1.661	77,1	11.722	83,3
sim, mas abandonei	871	5,4	180	8,4	691	4,9
sim, estou cursando	1.308	8,1	249	11,6	1.059	7,5
sim, mas já concluí	244	1,5	30	1,4	214	1,5
sim, já concluí 1 e estou cursando outro	30	0,2	6	0,3	24	0,2
sim, já concluí 1 e abandonei outro	49	0,3	6	0,3	43	0,3
	REr.	9	1	0,0	8	0,1
	NR	325	22	1,0	303	2,2
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-XVIII O motivo principal do vestibulando para escolha de sua carreira.

	Inscritos	%	Habilitados	%	N Habilitados	%
mercado de trabalho	2.870	17,7	278	12,9	2.592	18,4
prestígio social da profissão	564	3,5	24	1,1	540	3,8
adequação às aptidões pessoais	11.080	68,3	1.646	76,4	9.434	67,1
baixa concorrência pelas vagas	363	2,2	62	2,9	301	2,1
possibilidades salariais	520	3,2	67	3,1	453	3,2
sugestão/influência da família	482	3,0	52	2,4	430	3,1
REr.	14	0,1	3	0,1	11	0,1
NR	326	2,0	23	1,1	303	2,2
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-XIX A média de tempo que o vestibulando dedica, por dia, ao estudo individual.
(Sem levar em conta as horas de aulas de colégio e cursinho).

	Inscritos	%	Habilitados	%	N Habilitados	%
menos de duas horas	4.113	25,4	463	21,5	3.650	26,0
de duas a quatro horas	7.841	48,3	996	46,2	6.845	48,7
mais de quatro horas	3.912	24,1	668	31,0	3.244	23,1
REr.	29	0,2	6	0,3	23	0,2
NR	324	2,0	22	1,0	302	2,1
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-XX Sobre o exercício de atividade remunerada pelo vestibulando.

	Inscritos	%	Habilitados	%	N Habilitados	%
Não	12.293	75,8	1.703	79,0	10.590	75,3
Sim, em tempo parcial	1.364	8,4	159	7,4	1.205	8,6
Sim, em tempo integral	1.468	9,1	160	7,4	1.308	9,3
Sim, mas é trabalho eventual	744	4,6	106	4,9	638	4,5
REr.	27	0,2	5	0,2	22	0,2
NR	323	2,0	22	1,0	301	2,1
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-XXI Sobre a participação do vestibulando na vida econômica de sua família.

	Inscritos	%	Habilitados	%	N Habilitados	%
Não trabalha e seus gastos são financiados pela família ou por outras pessoas.....	12.210	75,3	1.714	79,5	10.496	74,6
Trabalha, mas recebe ajuda financeira da família ou de outras pessoas.....	1.692	10,4	209	9,7	1.483	10,5
Trabalha, e é responsável por seu próprio sustento, não recebendo ajuda financeira.....	797	4,9	71	3,3	726	5,2
Trabalha, é responsável por seu próprio sustento e contribui parcialmente para o sustento da família e de outras pessoas.....	719	4,4	91	4,2	628	4,5
Trabalha e é o principal responsável pelo sustento da família.....	401	2,5	39	1,8	362	2,6
Responderam errado	77	0,5	9	0,4	68	0,5
Não responderam.....	323	2,0	22	1,0	301	2,1
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-XXII A profissão do vestibulando.

	Inscritos	%	Habilitados	%	N Habilitados	%
Não trabalha	12.231	75,4	1.722	79,9	10.509	74,7
Proprietário de grande empresa	82	0,5	13	0,6	69	0,5
Proprietário de média empresa	166	1,0	12	0,6	154	1,1
Profissionais e Técnicos NS	210	1,3	22	1,0	188	1,3
Profissionais e Técnicos NM	1.129	7,0	171	7,9	958	6,8
Proprietário de pequena empresa	346	2,1	33	1,5	313	2,2
Grupo I	1.316	8,1	129	6,0	1.187	8,4
Grupo II	167	1,0	11	0,5	156	1,1
Dona de casa	39	0,2	1	0,0	38	0,3
Vive de renda	62	0,4	7	0,3	55	0,4
Responderam errado	99	0,6	8	0,4	91	0,6
Não responderam (NR)	372	2,3	26	1,2	346	2,5
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

GRUPO I: Secretária, professor de 1º Grau, atleta profissional, pequeno funcionário público ou privado, escrivão, balconista, motorista de táxi que não é proprietário do veículo, outras ocupações similares.

GRUPO II: Operário (trabalha em fábrica, diretamente com a máquina), servente, pedreiro, agricultor (trabalha em terra que não é sua), empregada doméstica, costureira, motorista particular, outras ocupações similares.

TABELA A-XXIII O bairro ou cidade onde o vestibulando mora.

BAIRRO	Inscritos	%	Habilitados	%	N Habilitados	%
Aldeota	1.601	9,9	267	12,4	1.334	9,5
Papicu	615	3,8	116	5,4	499	3,5
Montese	571	3,5	91	4,2	480	3,4
Fátima	593	3,7	82	3,8	511	3,6
Cidad. Func.	453	2,8	70	3,2	383	2,7
Barra Ceará	496	3,1	64	3,0	432	3,1
Dionizio Torres	356	2,2	61	2,8	295	2,1
Centro	469	2,9	57	2,6	412	2,9
Parquelândia	411	2,5	52	2,4	359	2,6
Água Fria	267	1,6	44	2,0	223	1,6
Benfica	288	1,8	44	2,0	244	1,7
Messejana	305	1,9	44	2,0	261	1,9
Monte Castelo	363	2,2	40	1,9	323	2,3
Anto. Bezerra	370	2,3	38	1,8	332	2,4
Varjota	208	1,3	37	1,7	171	1,2
Joaquim Tavora	231	1,4	36	1,7	195	1,4
Praia Meireles	162	1,0	36	1,7	126	0,9
Parangaba	251	1,5	34	1,6	217	1,5
São Gerardo	259	1,6	34	1,6	225	1,6
Tauape	249	1,5	33	1,5	216	1,5
Conj. Ceará	340	2,1	32	1,5	308	2,2
Damas	147	0,9	24	1,1	123	0,9
Henrique Jorge	168	1,0	24	1,1	144	1,0
Jacarecanga	129	0,8	24	1,1	105	0,7
Maraponga	237	1,5	23	1,1	214	1,5
Carlito Pamplona	191	1,2	22	1,0	169	1,2
Parq. Araxá	125	0,8	22	1,0	103	0,7
Vila União	152	0,9	22	1,0	130	0,9
Otávio Bonfim	108	0,7	20	0,9	88	0,6
Rodolfo Teófilo	157	1,0	20	0,9	137	1,0
Serrinha	127	0,8	19	0,9	108	0,8
Praia Futuro	99	0,6	18	0,8	81	0,6
Jard. América	129	0,8	15	0,7	114	0,8
Aerolândia	156	1,0	14	0,6	142	1,0
Cidad. 2000	113	0,7	13	0,6	100	0,7
Jard. Oliveiras	87	0,5	13	0,6	74	0,5
Joquei Clube	97	0,6	13	0,6	84	0,6
Praia Iracema	89	0,5	12	0,6	77	0,5
Pres. Kennedy	88	0,5	11	0,5	77	0,5
Democrito Rocha	91	0,6	9	0,4	82	0,6
João XXIII	114	0,7	8	0,4	106	0,8
Mucuripe	66	0,4	8	0,4	58	0,4
Pirambu	56	0,3	8	0,4	48	0,3
Bela Vista	91	0,6	7	0,3	84	0,6
Cocó	35	0,2	7	0,3	28	0,2
Passaré	77	0,5	7	0,3	70	0,5
Pici	68	0,4	7	0,3	61	0,4
Vila Peri	58	0,4	7	0,3	51	0,4
Cambeba	35	0,2	6	0,3	29	0,2
Vila Velha	29	0,2	6	0,3	23	0,2
Alagadiço	38	0,2	4	0,2	34	0,2
Cajazeiras	64	0,4	4	0,2	60	0,4
SUB-TOTAL	12.079	74	1.729	80	10.350	74

BAIRRO	Inscritos	%	Habilitados	%	N Habilitados	%
Parq. S. José	53	0,3	4	0,2	49	0,3
Vicente Pizon	25	0,2	3	0,1	22	0,2
Alagadiço Novo	20	0,1	2	0,1	18	0,1
Bom Sucesso	55	0,3	2	0,1	53	0,4
Conj. Alvorada	8	0,0	2	0,1	6	0,0
Dias Macedo	33	0,2	2	0,1	31	0,2
Granja Portugal	40	0,2	2	0,1	38	0,3
Anto. Diogo	4	0,0	1	0,0	3	0,0
Bom Futuro	7	0,0	1	0,0	6	0,0
Cachoeirinha	13	0,1	1	0,0	12	0,1
Dom Lustosa	5	0,0	1	0,0	4	0,0
Alto Balança	8	0,0	0	0,0	8	0,1
Amadeu Furtado	5	0,0	0	0,0	5	0,0
Buatã	2	0,0	0	0,0	2	0,0
Conj. Cohajan	1	0,0	0	0,0	1	0,0
João Arruda	9	0,1	0	0,0	9	0,1
Moura Brasil	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Parq. S. Maria	6	0,0	0	0,0	6	0,0
Outros	1.973	12,2	218	10,1	1.755	12,5
NR	332	2,0	24	1,1	308	2,2
REr.	1.207	7,4	134	6,2	1.073	7,6
Caucaia	165	1,0	9	0,4	156	1,1
Maracanaú	89	0,5	11	0,5	78	0,6
Aquiraz	20	0,1	4	0,2	16	0,1
Maranguape	49	0,3	4	0,2	45	0,3
Pacatuba	11	0,1	1	0,0	10	0,1
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-XXIV Sobre sua remuneração mensal do vestibulando em salários mínimos.

	Inscritos	%	Habilitados	%	N Habilitados	%
não possui remuneração	12.312	75,9	1.716	79,6	10.596	75,3
1 salário mínimo	860	5,3	103	4,8	757	5,4
2 salários mínimos	1.068	6,6	105	4,9	963	6,8
3 salários mínimos	560	3,5	69	3,2	491	3,5
4 salários mínimos	254	1,6	37	1,7	217	1,5
5 salários mínimos	174	1,1	25	1,2	149	1,1
6 salários mínimos	115	0,7	11	0,5	104	0,7
7 salários mínimos	74	0,5	10	0,5	64	0,5
8 salários mínimos	88	0,5	7	0,3	81	0,6
9 salários mínimos	37	0,2	4	0,2	33	0,2
10 salários mínimos	98	0,6	15	0,7	83	0,6
mais de 10 salários míni.	216	1,3	26	1,2	190	1,4
NR	363	2,2	27	1,3	336	2,4
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-XXV Sobre o tipo de transporte normalmente usado pelo vestibulando.

	Inscritos	%	Habilitados	%	N Habilitados	%
Trem	93	0,6	13	0,6	80	0,6
Carona, ônibus	10.572	65,2	1.341	62,2	9.231	65,6
Moto, carro próprio/ da família	4.716	29,1	723	33,5	3.993	28,4
Bicicleta ou nenhum	410	2,5	46	2,1	364	2,6
REr.	101	0,6	10	0,5	91	0,6
NR	327	2,0	22	1,0	305	2,2
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-XXVI O vestibulando mora com:

	Inscritos	%	Habilitados	%	N Habilitados	%
com a família	13.480	83,1	1.879	87,2	11.601	82,5
com parentes	1.592	9,8	168	7,8	1.424	10,1
aluga quarto/apartamento sozinho	371	2,3	39	1,8	332	2,4
divide aluguel com amigos	318	2,0	32	1,5	286	2,0
REr.	97	0,6	12	0,6	85	0,6
NR	361	2,2	25	1,2	336	2,4
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-XXVII As atividades de lazer que o vestibulando dedica mais tempo.

	Inscritos	%	Habilitados	%	N Habilitados	%
tv e cinema	5.867	36,2	833	38,7	5.034	35,8
praia, piscina, clube	1.894	11,7	183	8,5	1.711	12,2
desportos	1.762	10,9	275	12,8	1.487	10,6
dança	463	2,9	51	2,4	412	2,9
artesanato	81	0,5	12	0,6	69	0,5
música	2.862	17,6	397	18,4	2.465	17,5
leitura	2.852	17,6	370	17,2	2.482	17,6
teatro	77	0,5	8	0,4	69	0,5
REr.	23	0,1	2	0,1	21	0,1
NR	338	2,1	24	1,1	314	2,2
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-XXVIII Em suas horas de lazer, o vestibulando gasta mais tempo:

	Inscritos	%	Habilitados	%	N Habilitados	%
em casa	9.978	61,5	1.354	62,8	8.624	61,3
fora de casa	5.859	36,1	770	35,7	5.089	36,2
REr.	50	0,3	8	0,4	42	0,3
NR	332	2,0	23	1,1	309	2,2
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-XXIX O vestibulando lê frequentemente:

	Inscritos	%	Habilitados	%	N Habilitados	%
jornal	9.650	59,5	1.258	58,4	8.392	59,7
livros(exceto os de seus estudos)	6.093	37,6	857	39,8	5.236	37,2
REr.	142	0,9	17	0,8	125	0,9
NR	334	2,1	23	1,1	311	2,2
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

TABELA A-XXX A ocupação principal dos seus pais ou responsável:

	INSCRITOS				HABILITADOS				NÃO HABILITADOS			
	Pai	%	Mãe	%	Pai	%	Mãe	%	Pai	%	Mãe	%
Proprietário de grande empresa	394	2,4	174	1,1	43	2,0	21	1,0	351	2,5	153	1,1
Proprietário de média empresa	1.763	10,9	810	5,0	233	10,8	91	4,2	1.530	10,9	719	5,1
Profissionais e Técnicos NS	4.150	25,6	2.146	13,2	727	33,7	414	19,2	3.423	24,3	1.732	12,3
Profissionais e Técnicos NM	3.177	19,6	2.472	15,2	429	19,9	343	15,9	2.748	19,5	2.129	15,1
Proprietário de pequena empresa	2.675	16,5	1.094	6,7	333	15,5	139	6,5	2.342	16,7	955	6,8
Grupo I*	1.454	9,0	1.751	10,8	155	7,2	220	10,2	1.299	9,2	1.531	10,9
Grupo II*	1.634	10,1	755	4,7	155	7,2	64	3,0	1.479	10,5	691	4,9
Dona de casa	139	0,9	6.215	38,3	11	0,5	791	36,7	128	0,9	5.424	38,6
Vive de renda	354	2,2	322	2,0	30	1,4	33	1,5	324	2,3	289	2,1
Rer.	99	0,6	112	0,7	14	0,6	13	0,6	85	0,6	99	0,7
NR	380	2,3	368	2,3	25	1,2	26	1,2	355	2,5	342	2,4
TOTAL	16.219	100,0	16.219	100,0	2.155	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0	14.064	100,0

*vide discriminação na tabela A-XXII

TABELA A-XXXI A Escolaridade dos pais dos vestibulandos.

Escolaridade	INSCRITOS				HABILITADOS				NÃO HABILITADOS			
	Pai	%	Mãe	%	Pai	%	Mãe	%	Pai	%	Mãe	%
Analfabeto	456	2,8	305	1,9	46	2,1	18	0,8	410	2,9	287	2,0
Lê e escreve sem escola	596	3,7	424	2,6	50	2,3	30	1,4	546	3,9	394	2,8
Primário incompleto	2.098	12,9	1.816	11,2	190	8,8	178	8,3	1.908	13,6	1.638	11,6
Primário completo	1.314	8,1	1.347	8,3	132	6,1	155	7,2	1.182	8,4	1.192	8,5
Ginásio incompleto	734	4,5	933	5,8	79	3,7	112	5,2	655	4,7	821	5,8
Ginásio completo	737	4,5	1.033	6,4	78	3,6	101	4,7	659	4,7	932	6,6
Científico incompleto	651	4,0	815	5,0	99	4,6	123	5,7	552	3,9	692	4,9
Científico completo	3.327	20,5	4.581	28,2	458	21,3	635	29,5	2.869	20,4	3.946	28,1
Superior incompleto	774	4,8	715	4,4	102	4,7	114	5,3	672	4,8	601	4,3
Superior completo	4.312	26,6	3.358	20,7	806	37,4	617	28,6	3.506	24,9	2.741	19,5
Não sabe informar	855	5,3	535	3,3	88	4,1	49	2,3	767	5,5	486	3,5
Rer.	21	0,1	21	0,1	3	0,1	1	0,0	18	0,1	20	0,1
NR	344	2,1	336	2,1	24	1,1	22	1,0	320	2,3	314	2,2
TOTAL	16.219	100,0	16.219	100,0	2.155	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0	14.064	100,0

TABELA A-XXXII A Renda mensal dos pais ou responsável em salários mínimos.

	INSCRITOS				HABILITADOS				NÃO HABILITADOS			
	Pai	%	Mãe	%	Pai	%	Mãe	%	Pai	%	Mãe	%
menos de 1	449	2,8	1.702	10,5	31	1,4	180	8,4	418	3,0	1.522	10,8
1 --- 2	1.930	11,9	2.267	14,0	164	7,6	227	10,5	1.766	12,6	2.040	14,5
2 --- 3	1.269	7,8	1.239	7,6	114	5,3	138	6,4	1.155	8,2	1.101	7,8
3 --- 4	1.212	7,5	1.138	7,0	135	6,3	138	6,4	1.077	7,7	1.000	7,1
4 --- 5	1.174	7,2	825	5,1	153	7,1	135	6,3	1.021	7,3	690	4,9
5 --- 6	1.037	6,4	731	4,5	136	6,3	102	4,7	901	6,4	629	4,5
6 --- 8	1.325	8,2	823	5,1	172	8,0	121	5,6	1.153	8,2	702	5,0
8 --- 12	2.127	13,1	1.070	6,6	329	15,3	173	8,0	1.798	12,8	897	6,4
12 --- 16	1.086	6,7	501	3,1	160	7,4	87	4,0	926	6,6	414	2,9
16 --- 20	1.103	6,8	504	3,1	184	8,5	96	4,5	919	6,5	408	2,9
20 --- 99	2.016	12,4	623	3,8	396	18,4	118	5,5	1.620	11,5	505	3,6
mais de 99	90	0,6	45	0,3	10	0,5	5	0,2	80	0,6	40	0,3
não se aplica	960	5,9	4.262	26,3	132	6,1	587	27,2	828	5,9	3.675	26,1
REr.	47	0,3	59	0,4	11	0,5	14	0,6	36	0,3	45	0,3
NR	394	2,4	430	2,7	28	1,3	34	1,6	366	2,6	396	2,8
TOTAL	16.219	100,0	16.219	100,0	2.155	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0	14.064	100,0

OBS: O salário mínimo oficial do governo no período de aplicação do questionário (out/95) era de R\$ 100,00.

TABELA A-XXXIII A renda Familiar (somatório dos salários do candidato, do seu pai e de sua mãe).

	INSCRITOS		HABILITADOS		Ñ HABILITADOS	
	RF	%	RF	%	RF	%
menos de 1	77	0,5	4	0,2	73	0,5
1 ---3	1.319	8,1	114	5,3	1.205	8,6
3 --- 5	2.018	12,4	204	9,5	1.814	12,9
5 --- 7	1.546	9,5	149	6,9	1.397	9,9
7 --- 9	1.549	9,6	219	10,2	1.330	9,5
9 --- 11	1.473	9,1	188	8,7	1.285	9,1
11 --- 15	1.959	12,1	260	12,1	1.699	12,1
15 --- 20	1.272	7,8	195	9,0	1.077	7,7
20 --- 30	1.466	9,0	236	11,0	1.230	8,7
30 --- 40	433	2,7	65	3,0	368	2,6
40 a 99	2.158	13,3	416	19,3	1.742	12,4
mais de 100	146	0,9	13	0,6	133	0,9
não se aplica	442	2,7	54	2,5	388	2,8
R. Err.	36	0,2	16	0,7	20	0,1
NR	325	2,0	22	1,0	303	2,2
TOTAL	16.219	100,0	2.155	100,0	14.064	100,0

OBS: O salário mínimo oficial do governo no período de aplicação do questionário (out/95) era de R\$ 100,00.

ANEXO I

HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DO VESTIBULAR

Será que o vestibular perdeu a sua função? Será que ele não é mais aquele? Segundo a Antropóloga Sônia Guimarães, os atuais vestibulares aplicados no Brasil estão longe de sua função primeira que era: atestar o conhecimento daqueles que pretendem dar continuidade a seus estudos.

Mas se ele não cumpre mais essa função, o que foi que houve com o vestibular?

Façamos uma pequena retrospectiva da evolução do vestibular:

1911 - criação do exame - "aqueles que desejassem ingressar nos cursos superiores deveriam se submeter a uma espécie de exame de Estado" (9:1984).

1915 - pela primeira vez surge a denominação vestibular - "Aquele que se candidatava era obrigado apresentar certificado de aprovação em todas as matérias constantes do currículo do Colégio Pedro II, dado pelo próprio colégio, ou pelos colégios a ele equiparados, mantidos pelos governos estaduais, e supervisionados pelo então chamado Conselho Superior de Ensino, órgão máximo a nível federal"(9:1984).

Década de 20 - o vestibular passa a ser de fato obrigatório para todos - o principal motivo foi o aumento gradativo de pessoas interessadas em ingressar nas universidades, o que acabou ultrapassando o número de vagas oferecidas.

1931 - reforma no ensino secundário - por ela ficaram criados os ciclos fundamental e complementar. Para inscrever-se no vestibular exigia-se a conclusão do curso complementar, que deveria ser correspondente ao curso superior pretendido.

1942 - princípio de equivalência - "segundo o qual os estudos feitos em um mesmo nível, embora sobre conteúdos diferentes, dariam ao aluno o mesmo grau de formação"(9:1984). O vestibular passou a exigir o clássico e o científico.

1946 - a habilitação ao ensino superior - "os estudantes tinham direito de matrícula em qualquer curso superior, uma vez concluído o clássico ou o científico. Nos exames seguintes, o exame já supunha uma habilitação que exigia dos candidatos um conhecimento voltado para o curso pretendido e uma posterior classificação dos candidatos habilitados em cada instituição, segundo o número de vagas oferecidas"(9:1984).

1961 - a autonomia para as IES - a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional resolveu conceder autonomia aos estabelecimentos de ensino superior para que decidissem sobre os critérios de habilitação e classificação no vestibular. "Com isso, a lei passou a estimular a multiplicação de modelos de avaliação, baseados em critérios diversos, provas diferentes e diferentes programas"(9:1984).

1964 - a corrida para as universidades - a sede por melhores condições de vida (atingida através de uma maior escolarização) fez crescer mais do que o dobro o número de inscritos nos exames vestibulares.

1968 - "125 mil alunos, em todo o País, que haviam passado no vestibular não conseguiram entrar na universidade por falta de vagas"(7:1984). No final daquele mesmo ano, "foi criado o 'exame classificatório', que eufemisticamente, 'eliminava' a figura do excedente - fim da habilitação -. Por esse novo critério, passavam a ser considerados aprovados não os que alcançavam a nota mínima, mas os que conseguiram se classificar para as vagas existentes"(9:1984)(grifo nosso).

1971 - novas modificações - "através do Decreto n.º 68.908, de 13 de julho, depois regulamentado por várias portarias ministeriais, ficou determinado: o vestibular passaria a ter conteúdo único para todas as carreiras e caráter obrigatório - apenas um reforço do que já existia - ; as provas deveriam acontecer ao mesmo tempo em todo o País, ou pelo menos, por Regiões; deveriam ser as mesmas para toda a universidade; e deveriam abranger as disciplinas constantes no currículo do ensino médio - o chamado 'núcleo comum', definido pela Lei 5.692/71"(9:1984) (grifo nosso).

1977 - "as provas foram elaboradas em forma de questões objetivas, sobre todas as disciplinas do núcleo comum"(9:1984).

1978 - introduz-se: "provas de habilidade específica para determinados cursos; possibilidades de realização do vestibular em mais de uma etapa; utilização de mecanismos que garantam a participação na última etapa do processo classificatório apenas dos candidatos que tenham um mínimo de conhecimentos a nível de 2º grau e os pré-requisitos para a continuação dos estudos na universidade³⁹; a inclusão obrigatória de prova ou questão da redação em língua portuguesa"(9:1984).

Chegamos ao atual vestibular aplicado na maioria das nossas universidades. E o que observamos nessa sua trajetória evolucionista foi apenas um aprimoramento do processo de aplicação das provas. Não verificamos nenhuma medida que tornasse o concurso mais democrático.

O atual modelo de vestibular, não proporciona, na prática, chances iguais para todos os vestibulandos de conquistarem uma vaga no ensino superior. Porque o que se verifica é uma seletividade econômica. "As principais fundações que organizam os exames vestibulares são unânimes em destacar a influência do fator econômico na determinação das chances de aprovação"(9:1984).

Esse quadro pode ser mudado quando for posto em prática, pela maioria das instituições de ensino superior, a nova Lei de Diretrizes e Bases (9.394/96), mais precisamente o que ela determina em seus artigos 50 e 51, abaixo discriminados:

"Artigo 50 - As instituições de ensino superior, quando da ocorrência de vagas, abrirão matrícula nas disciplinas de seus cursos a alunos não regulares que demonstrarem capacidade de cursá-las com proveito, mediante processo seletivo prévio.

Artigo 51 - As instituições de educação superior credenciadas como universidades, ao deliberar sobre critérios e normas de seleção e admissão de estudantes, levarão em conta os efeitos desses critérios sobre a orientação do ensino médio, articulando-se com os órgãos normativos dos sistemas de ensino".

³⁹ O que está sendo chamado de pré-requisito é a conclusão do 2º grau.

Souza e Silva comentando o primeiro artigo exposto acima, é de opinião de que esse dispositivo permite às instituições fazerem vestibulares complementares. Dando assim, oportunidades para que alunos não regulares possam cursar as disciplinas que por ventura tenham vagas ociosas. O que não deixa de ser uma vantagem social, na vida estudantil daqueles que tendo cursado alguma dessas disciplina, e no futuro, desejarem fazer o curso da graduação, terão por conseguinte, ganho tempo, pois, as disciplinas cursadas serão aproveitadas.

Com relação ao segundo artigo, ele permite às instituições realizarem mudanças no seu processo seletivo de ingresso de discentes, de forma a se adaptar a realidade do ensino médio. O que na prática poderá tornar o vestibular mais democrático, bastando para isso, que as mudanças sejam voltadas a dar maior acesso de oportunidade aos alunos oriundos das escolas públicas - que sempre estão em desvantagem em relação ao seus concorrentes.

ANEXO II

Questionário Sócio-Econômico e Cultural

Caro Vestibulando,

As indagações constantes deste questionário destinam-se à coleta de informações para o aperfeiçoamento dos métodos de seleção dos candidatos aos cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará.

Entende a Universidade que só é possível partir para a solução dos problemas que afetam de algum modo o processo de ensino-aprendizagem, se houver um conhecimento prévio da situação real de seus alunos. Para tanto, é necessário que suas respostas às indagações sejam feitas sejam precisas e verdadeiras.

Os dados que você indicar não interferirão, em nenhuma hipótese, no julgamento e no resultados de suas provas. Além disso, serão manipulados exclusivamente pela Comissão Coordenadora do Vestibular, que os analisará unicamente para fins de pesquisa científica.

Leia com atenção, as perguntas que seguem e indique o código correspondente às suas respostas, no quadro que se encontra no verso de sua ficha de inscrição. Marque somente uma resposta para cada pergunta.

01. Qual o seu sexo?

- masculino01
- feminino02

02. Qual sua idade em 31 de dezembro deste ano ? [][]

03. Onde reside sua família ?

- Acre	01	- Mato Grosso	15
- Alagoas.....	02	- Mato Gr. do Sul	16
- Amapá	03	- Minas Gerais	17
- Amazonas.....	04	- Pará	18
- Bahia	05	- Paraíba	19
- Ceará.....	06	- Paraná	20
- Distrito Federal	07	- Pernambuco	21
- Espírito Santo	08	- Piauí	22
- Goiás	09	- Rio de Janeiro	23
- Maranhão	10	- Rio Gr. do Norte	24
- Rio Gr. do Sul	11	- São Paulo	25
- Rondônia	12	- Sergipe	26
- Roraima.....	13	- Tocantins	27
- Santa Catarina.....	14	- Exterior	28

04. Sua residência localiza-se:

- na Capital.....	01	- no Interior	02
-------------------	----	---------------------	----

05. Qual o seu estado civil ?

- solteiro	01
- casado ou unido consensualmente	02
- viúvo/ separado/ divorciado	03

06. Que tipo de curso de 1º Grau (ou equivalente) você concluiu ?

- atual ensino de 1º Grau	01
- antigo ginásio secundário	02
- antigo ginásio profissional	03
- supletivo ou madureza	04

07. Como fez seus estudos de 1º Grau ?

- todo em escola pública	01
- todo em escola particular.....	02
- maior parte em escola pública	03
- maior parte em escola particular	04
- escolas comunitárias	05
- supletivo ou madureza	06

08. Em que unidade da Federação você concluiu ou concluirá o seu curso de 2º Grau (ou equivalente) ?

Atenção: Utilize os códigos constantes do item 3.

09. Indique, conforme o código, o estabelecimento de ensino onde você concluiu ou concluirá o seu curso de 2º Grau (ou equivalente):

- Centro Educacional João Pontes	01	- Centro Educacional Júlia Jorge	02
- Centro Educacional Mons. Joviano Barreto	03	- Colégio Agapito dos Santos	04
- Colégio Águia	05	- Colégio Anchieta	06
- Colégio Ari de Sá Cavalcante(Farias Brito).....	07	- Colégio Batista Santos Dumont.....	08
- Colégio Brasil	09	- Colégio Capistrano de Abreu.....	10
- Colégio Capital	11	- Colégio Castro Alves.....	12
- Colégio Cearense Sagrado Coração	13	- Colégio Christus	14
- Colégio Deoclécio Ferro	15	- Colégio Equipe	16
- Colégio Estadual Joaquim Nogueira.....	17	- Colégio Estadual Justiniano de Serpa.....	18
- Colégio Estadual Liceu do Ceará	19	- Colégio Estadual Paulo VI.....	20
- Colégio Estadual Pres. Castelo Branco	21	- Colégio Farias Brito	22
- Colégio General Osório	23	- Colégio Geo Studio.....	24
- Colégio Gregório Mendel	25	- Colégio Hildete de Sá Cavalcante(Farias Brito)..	26
- Colégio Imaculada Conceição.....	27	- Colégio Integral	28
- Colégio Ir. Maria Montenegro.....	29	- Colégio Jenny Gomes.....	30
- Colégio Juvenal de Carvalho	31	- Colégio Juventus	32
- Colégio Lourenço Filho.....	33	- Colégio Militar de Fortaleza	34
- Colégio Mons. Joviniano Barreto.....	35	- Colégio Municipal Figueira Lima.....	36
- Colégio N. Sra. das Graças.....	37	- Colégio N. Sra. de Lourdes.....	38
- Colégio N. Sra. do Sagrado Coração.....	39	- Colégio Objetivo	40
- Colégio Odilon Braveza.....	41	- Colégio Oliveira Paiva.....	42
- Colégio Padrão.....	43	- Colégio Pedro I.....	44
- Colégio Positivo.....	45	- Colégio Raquel de Queiroz.....	46
- Colégio Redentorista.....	47	- Colégio Regina Coeli.....	48
- Colégio Rui Barbosa.....	49	- Colégio Santa Cecília.....	50
- Colégio Santo Inácio.....	51	- Colégio Santo Tomás de Aquino	52
- Colégio São José	53	- Colégio São Luiz.....	54
- Colégio Sete de Setembro	55	- Colégio Sistema.....	56
- Colégio Téc. Com. Pe. Champagnat	57	- Colégio Tiradentes.....	58
- Escola de 1º e 2º Graus Prof. Joaquim Albano .	59	- Escola de 2º Grau Gov. Adauto Bezerra	60
- Escola de 2º Grau Marvin	61	- Esc. 2º Grau Prof. Otávio Terceiro de Farias.....	62
- Escola Profissional Salesiana Dom Bosco.....	63	- Escola Técnica Comercial do Ceará.....	64
- Instituto de Educação do Ceará	65	- Supletivo de 2º Grau	66
- Outros.....	67		

10. Qual o tipo de curso de 2º Grau (ou equivalente) que você concluiu ou concluirá ?

Curso de 2º Grau atual:

- profissionalização na área agrícola.....01
- profissionalização na área industrial.....02
- profissionalização na área comercial/serviços.....03
- profissionalização na área de saúde.....04
- profissionalização na área de magistério(normal).....05
- sem profissionalização.....06

Antigo curso médio:

- colégio secundário(científico ou clássico).....07
- colégio técnico(agrícola,industrial, comercial, enfermagem e outros)....08
- supletivo de 2º Grau.....09

11. Como fez seus estudos de 2º Grau ?

- todo em escola pública.....01
- todo em escola particular.....02
- maior parte em escola pública.....03
- maior parte em escola particular.....04
- supletivo ou madureza.....05

12. Em que turno você fez seu curso de 2º Grau (ou equivalente) ?

- todo diurno.....01
- todo noturno.....02
- maior parte no turno diurno.....03
- maior parte no turno noturno.....04

13. Em que ano você concluiu o curso de 2º Grau (ou equivalente) ?

Atenção: Coloque os dois últimos números do ano da conclusão diretamente no quadro resposta.

14. Você frequenta ou frequentou cursinho?

- não01
- sim, por menos de um semestre.....02
- sim, por um semestre.....03
- sim, por um ano.....04
- sim, por mais de um ano.....05

15. Razão por que não frequenta ou não frequentou cursinho:
- meu colégio já oferece pré-vestibular integrado..... 01
 - não disponho de tempo para colégio e cursinho simultaneamente..... 02
 - o ensino do meu colégio é suficiente 03
 - achei que podia estudar sozinho..... 04
 - falta de condições financeiras..... 05
 - outra razão..... 06
16. Quantas vezes você já prestou vestibular ?
- nenhuma.....01
 - uma vez.....02
 - duas vezes.....03
 - três vezes.....04
 - quatro vezes.....05
 - cinco vezes ou mais.....06
17. Você já iniciou algum curso superior ?
- não.....01
 - sim, mas abandonei.....02
 - sim, estou cursando.....03
 - sim, mas já concluí.....04
18. Qual o motivo principal na escolha da carreira para qual está se inscrevendo ?
- mercado de trabalho.....01
 - prestígio social da profissão.....02
 - adequação às aptidões pessoais.....03
 - baixa concorrência pelas vagas.....04
 - possibilidades salariais.....05
 - sugestão/influência da família.....06
19. Em média, quanto tempo dedica, por dia, ao estudo individual ? (não leve em conta as horas de aulas de colégio ou cursinho).
- menos de duas horas.....01
 - de duas a quatro horas.....02
 - mais de quatro horas.....03

20. Você exerce atividade remunerada ?

- não.....01
- sim, em tempo parcial (até 30hs. semanais).....02
- sim, em tempo integral(30 ou mais horas semanais).....03
- sim, mas é trabalho eventual.....04

21. Qual a sua participação na vida econômica de sua família ?

- não trabalha e seus gastos são financiados pela família ou por outras pessoas.....01
- trabalha, mas recebe ajuda financeira da família ou de outras pessoas02
- trabalha e é responsável por seu próprio sustento não recebendo ajuda financeira03
- trabalha, é responsável por seu próprio sustento e contribui parcialmente por seu próprio sustento e contribui parcialmente para o sustento da família e de outras pessoas.....04
- trabalha e é o principal responsável pelo sustento da família.....05

22. Qual a sua ocupação ?

- caso não trabalhe..... 01
- caso trabalhe, indique o código da Categoria Ocupacional que estiver mais de acordo com a sua ocupação, conforme a Tabela de Códigos, no final deste Questionário.

23. Indique a sua remuneração mensal em salários mínimos.

24. Qual tipo de transporte você normalmente usa para se locomover ?

- trem.....01
- carona, ônibus.....02
- moto, carro próprio ou da família.....03
- bicicleta ou nenhum.....04

25. Em que bairro ou cidade você mora ?

- | | |
|--------------------------|-------------------------------|
| - Aerolândia.....01 | - Jardim das Oliveiras.....39 |
| - Água Fria.....02 | - João Arruda.....40 |
| - Alagadiço.....03 | - João XXIII.....41 |
| - Alagadiço Novo.....04 | - Joaquim Távora.....42 |
| - Aldeota.....05 | - Jóquei Clube.....43 |
| - Alto da Balança.....06 | - Maracanaú.....44 |
| - Amadeu Furtado.....07 | - Maranguape.....45 |
| - Antônio Bezerra.....08 | - Maraponga.....46 |
| - Antônio Diogo.....09 | - Messejana.....47 |

- Aquiraz.....	10	- Monte Castelo.....	48
- Barra do Ceará.....	11	- Montese.....	49
- Bela Vista.....	12	- Moura Brasil.....	50
- Benfica.....	13	- Mucuripe.....	51
- Bom Futuro.....	14	- Otávio Bonfim.....	52
- Bom Sucesso.....	15	- Pacatuba.....	53
- Buatã.....	16	- Papicu.....	54
- Cachoeirinha.....	17	- Parangaba.....	55
- Cajazeiras.....	18	- Parque Araxá.....	56
- Cambeba.....	19	- Parque Santa Maria.....	57
- Carlito Pamplona.....	20	- Parque São José.....	58
- Caucaia.....	21	- Parquelândia.....	59
- Centro.....	22	- Passaré.....	60
- Cidade 2000.....	23	- Pici.....	61
- Cid. dos Func.....	24	- Pirambu.....	62
- Cocó.....	25	- Praia de Iracema.....	63
- Conj. Alvorada.....	26	- Praia do Futuro.....	64
- Conj. Ceará.....	27	- Praia do Meireles.....	65
- Conj. Cohajan.....	28	- Pres. Kennedy.....	66
- Damas.....	29	- Rodolfo Teófilo.....	67
- Demócrito Rocha.....	30	- São Gerardo.....	68
- Dias Macedo.....	31	- Serrinha.....	69
- Dionisio Torres.....	32	- Tauape.....	70
- Dom Lustosa.....	33	- Varjota.....	71
- Fátima.....	34	- Vicente Pizón.....	72
- Granja Portugal.....	35	- Vila Peri.....	73
- Henrique Jorge.....	36	- Vila União.....	74
- Jacarecanga.....	37	- Vila Velha.....	75
- Jardim América.....	38	- Outros.....	76

26. Com quem você mora ?

- com a família.....	01
- com parentes.....	02
- aluga quarto/apto. sozinho.....	03
- divide aluguel com amigos.....	04

27. Com qual das atividades de lazer você ocupa mais tempo ?

- TV e cinema..... 01
- praia, piscina, clube..... 02
- desportos..... 03
- dança..... 04
- artesanato..... 05
- música 06
- leitura..... 07
- teatro..... 08

28. Em suas horas de lazer, você gasta mais tempo ?

- em casa..... 01
- fora de casa..... 02

29. Você lê frequentemente:

- jornal..... 01
- livros(exceto os de seus estudos)..... 02

30. Qual o nível de instrução de seu pai ?

- analfabeto.....01
- lê e escreve, mas nunca esteve na escola.....02
- primário incompleto.....03
- primário completo.....04
- curso médio - 1º ciclo incompleto(ginásio ou equivalente).....05
- curso médio - 1º ciclo completo(ginásio ou equivalente).....06
- curso médio - 2º ciclo incompleto(científico ou equivalente)... ..07
- curso médio - 2º ciclo completo(científico ou equivalente).....08
- curso superior incompleto.....09
- curso superior completo.....10
- não sabe informar.....11

31. Qual o nível de instrução de sua mãe ?

Atenção: Utilize os mesmos códigos da pergunta 30.

32. Qual a ocupação principal de seu pai ou responsável ?

Atenção: Indique o Código da Categoria Profissional que estiver mais de acordo com a ocupação profissional de seu pai ou responsável, de acordo com a Tabela de Código das Ocupações no final deste questionário.

Observação: Se o pai ou responsável for falecido ou aposentado, indique a ocupação que exerceu durante a maior parte de sua vida.

33. Qual a ocupação principal de sua mãe ?

Atenção: Veja orientação do item 32.

34. Indique a renda mensal de seu pai ou responsável em salários mínimos.

Atenção: Caso ganhe mais de 99 salários mínimos, assinale 00.

- menos de um salário mínimo.....	01
- de 01 a 02 salários mínimos.....	02
- de 02 a 03 salários mínimos.....	03
- de 03 a 04 salários mínimos.....	04
- de 04 a 05 salários mínimos.....	05
- de 05 a 06 salários mínimos.....	06
- de 06 a 08 salários mínimos.....	07
- de 08 a 12 salários mínimos.....	08
- de 12 a 16 salários mínimos.....	09
- de 16 a 20 salários mínimos.....	10
- mais de 20 salários mínimos.....	11
- não se aplica.....	12

35. Indique a renda mensal de sua mãe

Atenção: Utilize os mesmos códigos do item 34.

CÓDIGO DAS OCUPAÇÕES

1. Proprietário de grande empresa(mais de 100 empregados): banqueiro, fazendeiro, criador, pecuarista, industrial, comerciante, incorporador de imóveis, acionista ou sócio de grande empresa, outros grandes proprietários ou empresários.
2. Proprietário de média empresa(de 10 a 100 empregados): fazendeiro, criador, pecuarista, industrial, comerciante, incorporador de imóveis, acionista ou sócio de média empresa, outros médios proprietários ou empresários.

3. Profissionais e Técnicos de Nível Superior: médico, engenheiro, advogado, professor universitário, jornalista, economista, alto funcionário público ou de banco, diplomata, diretor de banco não acionista, desembargador, juiz, alto funcionário de empresa privada, militar oficial, outros profissionais de nível superior.
4. Profissionais e Técnicos de Nível Médio: médio funcionário público ou privado, militar não-oficial, professor do 2º Grau, auxiliar de enfermagem, outras ocupações similares.
5. Proprietários de pequenas empresas(menos de 10 empregados): dono de bar, quitanda, açougue, padaria, oficina, banca de jornal, motorista de taxi, proprietário, representante, vendedor ou corretor autônomo, outros proprietários similares.
6. Outras ocupações - Grupo I:
secretária, professor do 1º Grau, atleta profissional, pequeno funcionário público ou privado, escriturário, balconista, motorista de táxi que não é proprietário do veículo, outras ocupações similares.
7. Outras Ocupações - Grupo II:
operário (trabalha em fábrica, diretamente com a máquina), servente, pedreiro, agricultor (trabalha em terra que não é sua), empregada doméstica, costureira, motorista particular, outras ocupações similares.
8. Dona de Casa.
9. Vive de Renda.

Bibliografia

1. ALVES, Denisard Cnéio de O. Educação e Desenvolvimento Econômico: in Manual de Economia /André Franco Montoro ...[et al.]. São Paulo. Sarai-va, 1991.
2. CASTRO, Cláudio de Moura. Educação Brasileira: consertos e remen-dos. Rio de Janeiro. Rocco. 1994.
3. CASTRO, Cláudio de Moura. Desenvolvimento Econômico, Educação e Educabilidade. 2ª ed. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, FENAME. 1976.
4. CARLBERG, Conrad. Excel 5 for Windows, guia de soluções profissi-onias. Tradução de Cristina Raposo. Rio de Janeiro. Axcel Books. 1994.
5. GOLDFELD, S.M. and Richard E. Quandt. Nonlinear Methods in Eco-nometrics . North-Holland Publishing Company. London. 1972.
6. GREENE, Willian H. Econometric Analysis. Macmillian Publishing Company. New York. 1990.
7. Guia do Usuário - Microsoft Access®. Sistema de Gerenciamento de Banco de Dados Relacional para Windows. Versão 2.0. 1994.
8. GUIMARÃES, Maria Teresa Albuquerque. Universidade Federal do Ceará: Agente Redistribuidor ou Concentrador de Renda? - Tese de Mestrado do CAEN/UFC. Fortaleza. 1982.
9. GUIMARÃES, Sônia. Como se faz a Indústria do Vestibular. Petrópo-lis. Vozes. 1984.
10. MONTEIRO, Fernando B. Moreira e outros. Relatório do Concurso Vestibular da Universidade de Fortaleza 93.1. Comissão de Coordenação do Concurso Vestibular - CCV. Fortaleza. 1993.
11. NETO, Carmo Gallo e outros. O Vestibular Unicamp 95 em Dados - Uma publicação da Coordenação Executiva dos Vestibulares da Unicamp.
12. PINDYCK, Robert S. Econometric Models and Economic Forecasts. Second edition. International Student Edition. London, 1982.
13. WHITAKER, Dulce C. Andreatta. Unesp: Diferentes Perfis de Candi-datos para Diferentes Cursos. Fundação para o Vestibular da Universidade Esta-dual Paulista - VUNESP. 1989.
14. HALL, Robert E. et all. Micro TSP User's Manual – version 7.0. quantitative Micro Software. California. 1990.